



VERDE OLIVA

Brasília-DF • Ano LII • Nº 267 • Outubro 2024 • Centro de Comunicação Social do Exército

Exército Brasileiro



exercito



exercito_oficial



exercito



exercitooficial



exercitooficial



exercitooficial

FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA



ANOS

HERÓIS SEMPRE LEMBRADOS

REVISTA
interativa
www.eb.mil.br



BÍLINGUE

POUPANÇA

POUPEX Salário

**Retorno garantido para
o seu investimento**

Abra já a sua, pelo aplicativo, *site* ou nas
agências do Banco do Brasil.



Consulte as normas e condições vigentes.



Baleia Léia,
mascote da
Poupança
POUPEX

POUPEX

0800 061 3040

CONQUISTE SEU LUGAR NO EXÉRCITO



Saiba mais:



www.eb.mil.br

Prezado leitor,

Essa edição vem rememorar a trajetória da Força Expedicionária Brasileira (FEB), em homenagem aos seus 80 anos, marcados por uma série de eventos que demonstraram bravura, sacrifício e determinação. Antes disso, o Brasil foi profundamente impactado pelos afundamentos de navios mercantes em águas brasileiras por submarinos alemães durante a Segunda Guerra Mundial, o que desencadeou a declaração de guerra do País contra o Eixo, em agosto de 1942.

Com a criação da FEB, a preparação no Campo de Instrução de Gericinó foi intensa, pois os soldados brasileiros tiveram de se adaptar à nova doutrina de guerra americana, já empregada nas operações dos aliados no Teatro de Operações da Europa.

Ao embarcar no Rio de Janeiro, a FEB enfrentou as agruras do oceano até chegar a Nápoles, onde iniciou seu treinamento e adaptação ao terreno e clima desafiadores da Itália. Os primeiros combates no Vale do Serchio marcaram o início vitorioso das operações do soldado brasileiro. Com a aproximação do inverno, as dificuldades aumentaram e a conquista de Monte Castello precisou esperar. Foi um grande desafio devido à resistência inimiga e às condições climáticas adversas na região do Vale do Reno.

Com a chegada do inverno, iniciaram as patrulhas com vistas a manter o contato com as forças alemãs e, assim, os soldados brasileiros ficaram expostos à dureza do frio e aos bombardeios de artilharia e morteiros, dia e noite. Contudo, a determinação e coragem mantiveram-nos firmes nas missões de patrulha e, no fim do inverno, a vitória decisiva em Monte Castello abriu caminho para uma série de triunfos que culminaram no cerco final em Forno di Taro.

Durante todo o conflito, os soldados brasileiros destacaram-se não apenas por sua valentia no campo de batalha, mas também pelo tratamento digno dispensado aos prisioneiros de guerra, evidenciando os valores de humanidade e respeito, que sempre balizaram a conduta moral do Exército Brasileiro.

Nessa edição, destacamos as dificuldades que os veteranos enfrentaram após a guerra, as dores e as cicatrizes físicas e emocionais, e a readaptação à nova realidade de um ex-combatente. Além da solidariedade demonstrada pelos soldados brasileiros em relação à população italiana, que reflete não apenas o compromisso militar, mas também o espírito de fraternidade e compaixão.

Sem preterir outro importante aspecto durante a guerra, decidimos abordar a fé dos pracinhas, uma fonte constante de inspiração e coragem para muitos soldados brasileiros, que encontraram na religião a força para enfrentar o medo da morte e as incertezas do combate.

A revista encerra com o retorno ao Brasil e a desmobilização da FEB que não apenas simbolizaram o fim de um capítulo histórico, mas também inspiraram gerações futuras a honrar o compromisso com o País na defesa dos valores mais caros para o Brasil. O exemplo de coragem e patriotismo da FEB continuará a ser lembrado como um marco na história do País e uma fonte de orgulho nacional.

Para finalizar, o leitor identificará uma nova abordagem que procuramos dar a essa nova edição, após 80 anos publicando diversos produtos em homenagem aos feitos da Força Expedicionária Brasileira. Assim, nesse periódico, procuramos apresentar e detalhar mais os modestos combatentes brasileiros, pessoas iguais a cada um de nós, mas que foram além das virtudes e valores que pensamos conhecer e entender e, com isso, tornaram-se heróis, pessoas desconhecidas, gente como todos nós, a nossa gente. Para isso, realizamos uma extensa pesquisa envolvendo nomes, fotos, relatos e entrevistas em livros, revistas e jornais, com o objetivo de resgatar e valorizar algumas dessas muitas histórias esquecidas pelo tempo.

Uma ótima leitura!



Estimado lector,

Esta edición recuerda la historia de la Fuerza Expedicionaria Brasileña (FEB), en homenaje a su 80º aniversario, marcado por una serie de acontecimientos que demostraron valentía, sacrificio y determinación. Incluso antes de su formación, Brasil se vio profundamente afectado por el hundimiento de buques mercantes en aguas brasileñas por submarinos alemanes durante la Segunda Guerra Mundial, que desencadenó la declaración de guerra del país contra el Eje en agosto de 1942.

Con la creación de la FEB, la preparación en el Campo de Entrenamiento de Gericinó fue intensa, ya que los soldados brasileños debían adaptarse a la nueva doctrina de guerra norteamericana, ya empleada en las operaciones aliadas en el Teatro de Operaciones Europeo.

Tras embarcar en Río de Janeiro, la FEB se enfrentó a las dificultades del océano hasta llegar a Nápoles, donde comenzó su entrenamiento y adaptación al difícil terreno y clima de Italia. Las primeras batallas en el valle del Serchio marcaron el victorioso inicio glorioso de las operaciones del soldado brasileño. Al acercarse el invierno, las dificultades aumentaron y la conquista de Monte Castello tuvo que esperar. Fue un gran desafío debido a la resistencia enemiga y a las adversas condiciones climáticas de la región del Valle del Reno.

Con la llegada del invierno, comenzaron las patrullas para mantener el contacto con las fuerzas alemanas, por lo que los soldados brasileños estuvieron expuestos a las inclemencias del frío y a los bombardeos de artillería y morteros día y noche. Sin embargo, la determinación y el coraje los mantuvieron en las misiones de patrulla y, al final del invierno, la victoria decisiva en Monte Castello allanó el camino para una serie de triunfos que culminaron en el asedio final a Fornovo di Taro.

A lo largo del conflicto, los soldados brasileños se destacaron no sólo por su valentía en el campo de batalla, sino también por el trato digno que dispensaron a los prisioneros de guerra, demostrando los valores de humanidad y respeto que siempre han caracterizado la conducta moral del Ejército Brasileño.

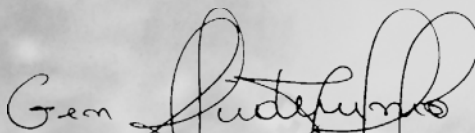
En este número, destacamos las dificultades a las que se enfrentaron los veteranos después de la guerra, el dolor físico y emocional y las cicatrices, así como la readaptación a la nueva realidad de un excombatiente. Además de la solidaridad mostrada por los soldados brasileños hacia la población italiana, que refleja no sólo el compromiso militar, sino también un espíritu de hermandad y compasión.

Sin descuidarse de otro aspecto importante durante la guerra, decidimos abordar la fe religiosa, fuente constante de inspiración y coraje para muchos soldados brasileños, que encontraron en su creencia en Nuestro Señor Jesucristo la fuerza para afrontar el miedo a la muerte y las incertidumbres del combate.

La revista encierra con el regreso a Brasil y la desmovilización de la FEB, que no sólo simbolizó el fin de un capítulo histórico, sino que también inspiró a las generaciones futuras a honrar su compromiso con la patria en defensa de los valores más queridos por Brasil. El ejemplo de coraje y patriotismo de la FEB seguirá siendo recordado como un hito en la historia del país y una fuente de orgullo nacional.

Para finalizar, el lector identificará un nuevo abordaje que buscamos dar a esa nueva edición, tras 80 años de haber publicado diversos productos en homenaje a los hechos de la Fuerza Expedicionaria Brasileña. Así, en ese periódico, buscamos presentar y detallar un poco más sobre los modestos combatientes brasileños, personas como cada uno de nosotros, pero que sobresalieron además de las virtudes y valores que pensamos conocer y entender y con eso volverse héroes, personas desconocidas, gente como nosotros, nuestra gente. Para eso, realizamos una extensa investigación involucrando nombres, fotos, relatos y entrevistas en libros, revistas y periódicos, con la intención de rescatar y valorar algunas de esas muchas historias olvidadas en el tiempo.

¡Una excelente lectura!



General de Divisão ALCIDES VALERIANO DE FARIA JUNIOR

Chefe do Centro de Comunicação Social do Exército
Jefe del Centro de Comunicación Social del Ejército

Militar da FEB com uma submetralhadora e fitas de munição
(Exposição Virtual do Arquivo Nacional)

desde 23 de maio de 1973

● Sumário

- 8. 80 ANOS DA FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA – HERÓIS SEMPRE LEMBRADOS
- 10. A PREPARAÇÃO PARA O COMBATE
- 12. O EMBARQUE E O DESLOCAMENTO
- 14. ADAPTAÇÃO E TREINAMENTO NA ITÁLIA
- 18. PRIMEIROS COMBATES CONTRA OS ALEMÃES
- 26. A DEFENSIVA DE INVERNO, PATRULHAS, BOMBARDEIOS E O FRIO
- 34. AÇÕES NO VALE DO RENO, A VITÓRIA EM MONTE CASTELLO



.....Design de Capa:

Luiz Fernando Vieira

Editorial

CHEFE DO CCOMSEX
Gen Div **Aldes** Valeriano de Faria Junior

SUBCHEFE DO CCOMSEX
Cel Sérgio **Murilo** Pereira da Silva

CHEFE DE PRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO
Cel **Eleuson** Marcos Nunes

CONSELHO EDITORIAL
Cel **Eleuson** Marcos Nunes
Cel R1 Gustavo José **Baracho** de Sousa
Cel João Carlos da **Silva Néto** Júnior

SUPERVISÃO TÉCNICA
Cel R1 Gustavo José **Baracho** de Sousa

REDAÇÃO
Cel R1 Gustavo José **Baracho** de Sousa

REVISÃO ORTOGRÁFICA E GRAMATICAL
TC **Ione** Midon Pereira
1° Ten **Ivan** Saigg Teixeira
1° Ten **Vanessa** Maria Ramos Lopes Paiva

VERSÃO EM INGLÊS
1° Ten Carlos Thiago Louzada dos Santos de Almeida

VERSÃO EM ESPANHOL
Maj José Adail Ferreira da Silva

PROJETO GRÁFICO
TC **Daniel** Angelo Ditelmo **Dutra**
ST **Juliano Bastos** Cogo
ST **Marcelo Nunes** Pereira
1° Sgt **Takeshi** Silva Sawada
3° Sgt **Paulo** Henrique Almeida dos Reis
SC **Luiz Fernando** Vieira
Cb Jociel do Espírito Santo **Passos**
Cb **Wesley** Santos **De Andrade**
Sd **Alex Mozart** Lins de Sá

DIAGRAMAÇÃO E ARTE FINAL
Cb Jociel do Espírito Santo **Passos**

FOTOGRAFIA
Cap R1 **Edvaldo** da Silva
ST **Edmilson** Severino dos Santos
1° Sgt **Sionir** Rafael Mujica de Almeida
Sd **Samuel Lucas** de Almeida Silveira
Arquivos CCOMSEX
Arquivo Nacional
Arquivo Histórico do Exército

JORNALISTA
1° Ten **Igor** Matheus Pinheiro de Mendonça

COORDENAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO
Centro de Comunicação Social do Exército

IMPRESSÃO
Tavares Empreendimentos Comerciais LTDA

PERIODICIDADE
Trimestral

TIRAGEM
10 mil exemplares – Circulação dirigida
(Brasil e exterior)

COLABORAÇÃO
CidEx - Centro de Idiomas do Exército

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA
Quartel-General do Exército
Bloco B – Térreo
70630-901 – Setor Militar Urbano Brasília/DF

Revista Verde-Oliva Digital disponível em:
www.eb.mil.br

CONTATO
revistaverdeoliva@ccomsex.eb.mil.br

APOIO EM PESQUISA COM IMAGENS HISTÓRICAS
Cap R1 **Sirio** Sebastião Fröhlich

BIBLIOGRAFIA:
A FEB pelo seu comandante, obra do Marechal João Baptista Mascarenhas de Moraes, edição de 2005.

A Intendência no teatro de operações da Itália, obra do Coronel Fernando L. Biosca, edição de 2020.

Memórias de Soldados: a História da Força Expedicionária Brasileira, obra de Marcos Antonio Tavares da Costa, edição de 2013.

O Sexto Regimento de Infantaria Expedicionário, obra do Capitão Antorildo Silveira, edição de 1946.

Tabloide Cruzeiro do Sul, obra do Serviço Especial da Força Expedicionária Brasileira, de 3 de janeiro a 31 de maio de 1945.

Vozes da Guerra, obra do Capitão Sirio Sebastião Fröhlich, edição de 2015.

36. A CONQUISTA DE CASTELNUOVO
38. O ATAQUE E A CONQUISTA DE MONTESE
40. RENDIÇÃO DE FORNOVO DI TARO
44. TRATAMENTO COM PRISIONEIRO DE GUERRA
46. AS CICATRIZES DA GUERRA E A READAPTAÇÃO
50. A SOLIDARIEDADE DO SOLDADO BRASILEIRO PARA COM A POPULAÇÃO ITALIANA
52. FÉ PARA LUTAR O BOM COMBATE
56. O RETORNO AO BRASIL E A DESMOBILIZAÇÃO

Arte do pôster:

Luiz Fernando Vieira

Tamanho:

70X27



80 ANOS DA FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA HERÓIS SEMPRE LÊMBRADOS

Antecedentes

A Segunda Guerra Mundial teve início em 1939, após a invasão da Polônia pelas forças alemãs, que rapidamente ampliaram o domínio nazista para os demais países da Europa, inclusive para outros continentes do mundo.

O Brasil, desde o início da guerra, manteve-se em neutralidade nesse conflito, cumprindo com a sua tradição pacifista. Entretanto, esse cenário mudou quando submarinos alemães afundaram em nosso litoral mais de uma dezena de navios mercantes brasileiros, fazendo com que, em 31 de agosto de 1942, o Presidente da República Getúlio Vargas declarasse guerra às potências do Eixo.

Diante da ameaça à integridade e à soberania brasileiras e com o intuito de contribuir com a manutenção da liberdade e da democracia no mundo, em 23 de novembro de 1943, foi criada a Força Expedicionária Brasileira (FEB), formada por cerca de 25 mil jovens brasileiros oriundos de diversas regiões do País.

Unterseeboot 507: Em agosto de 1942, em um espaço de três dias, afundou seis embarcações brasileiras (Baependi, Araraquara, Anibal Benévolo, Itagiba, Arará e Jacira), ocasionando a morte de mais de seiscentas pessoas)

A FEB foi organizada da seguinte forma: a 1ª DIE, comandada por um general de divisão, deveria compreender: um quartel-general constituído de estado-maior geral, estado-maior especial e tropa especial; uma infantaria divisionária, comandada por um general de brigada e composta de três regimentos de infantaria; uma artilharia divisionária, comandada por um general de brigada e composta por quatro grupos de artilharia (três de calibre 105 mm e um de calibre 155 mm); uma esquadrilha de aviação destinada à ligação e à observação; um batalhão de engenharia; um batalhão de saúde; um esquadrão de reconhecimento, e uma companhia de transmissões (Comunicações). A tropa especial, além de seu próprio comando, deveria incluir o comando do quartel-general, um destacamento de saúde, uma companhia do quartel-general, uma companhia de manutenção, uma companhia de intendência, um pelotão de sepultamento, um pelotão de polícia e uma banda de música.

General Castello Branco, como tenente-coronel foi chefe da Seção de Operações da Força Expedicionária Brasileira (FEB), planejou e implementou manobras militares nos combates na Itália, foi o 26º Presidente do Brasil, de abril de 1964 a março de 1967



80 AÑOS DE LA FUERZA EXPEDICIONARIA BRASILEÑA - HÉROES SIEMPRE RECORDADOS

Antecedentes

La Segunda Guerra Mundial comenzó en 1939, tras la invasión de Polonia por las fuerzas alemanas, que rápidamente extendieron el dominio nazi al resto de Europa, incluyendo otros continentes del mundo.

Desde el inicio de la guerra, Brasil se mantuvo neutral en este conflicto, de acuerdo con su tradición pacifista. Sin embargo, este escenario cambió cuando submarinos alemanes hundieron más de una docena de buques mercantes brasileños frente a nuestras costas, lo que llevó al Presidente Getúlio Vargas a declarar la guerra a las potencias del Eje el 31 de agosto de 1942.

Ante la amenaza a la integridad y soberanía brasileñas y con el objetivo de contribuir al mantenimiento de la libertad y la democracia en el mundo, el 23 de noviembre de 1943 se creó la Fuerza Expedicionaria Brasileña (FEB), compuesta por unos 25.000 jóvenes brasileños de diferentes regiones del país.

La FEB se organizó de la siguiente manera: la 1ª DIE, comandada por un general de división, debía comprender: un cuartel general compuesto por estado mayor, estado mayor especial y tropas especiales; infantería divisionaria, comandada por un general de brigada y compuesta por tres regimientos de infantería; artillería divisionaria, comandada por un general de brigada y compuesta por cuatro grupos de artillería (tres de calibre 105mm y uno de calibre 155mm); una escuadrilla de aviación destinada a enlace y observación; un batallón de ingenieros; un batallón sanitario; una escuadrilla de reconocimiento, y una compañía de transmisiones (Comunicaciones).

Las tropas especiales, además de su propio mando, debían incluir el mando del cuartel general, un destacamento sanitario, una compañía de cuartel general, una compañía de mantenimiento, una compañía de intendencia, un pelotón de enterramiento, un pelotón de policía y una banda de música.

Baependi (Baependy): Navio brasileiro de carga e de passageiros, afundado, na noite do dia 15 de agosto de 1942, pelo submarino alemão U-507



A PREPARAÇÃO PARA O COMBATE

Entre os anos de 1918 e 1940, o Brasil e a França promoveram, por meio da Missão Militar Francesa de Instrução, uma série de contratos para reorganizar e modernizar o Exército Brasileiro. Assim que eclodiu o conflito, o Exército Brasileiro estava estruturado com as bases da Escola Francesa, resultando na necessidade de preparar a FEB, com instrução e adestramento, segundo a doutrina norte-americana. Foi um grande desafio, contudo, os bons trabalhos legados pela Missão Militar Francesa ficaram evidenciados em face de uma rápida e fácil adaptação à doutrina e ao emprego do material bélico norte-americano, contribuindo para o retorno da FEB vencedora e coberta de glórias.



Exercício no terreno com material de artilharia norte-americano realizado pela Força Expedicionária Brasileira (FEB) no Campo de Gericinó. Rio de Janeiro, em 1944 (Exposição Virtual do Arquivo Nacional)

“Muitos falam que a FEB não foi para a Europa bem preparada. Dentro das circunstâncias, eu acredito que até foi. Acompanhei toda a instrução do Onze e vi chegar gente de tudo que é lugar do Brasil: do Rio Grande do Sul, do Paraná, de Santa Catarina — de onde veio um grupo de mais de 100 homens que não falavam português; falavam só alemão... eram de origem alemã, mas eram bons soldados brasileiros. Eles aprenderam a falar português no Onze[...]”. (Relato do 2º Sargento Ivan Esteves Alves, ex-combatente da Força Expedicionária Brasileira (FEB), extraído do Livro Vozes da Guerra).*

2º Sargento Ivan Esteves Alves. (Foto cedida pelo Capitão Sirio Sebastião Fröhlich).

* 1º Regimento de Infantaria.

PREPARACIÓN PARA EL COMBATE

Entre 1918 y 1940, Brasil y Francia promovieron, a través de la Misión de Instrucción Militar Francesa, una serie de contratos para reorganizar y modernizar el Ejército Brasileño. Tan pronto como estalló el conflicto, el Ejército Brasileño se estructuró sobre la base de la Escuela Francesa, lo que dio lugar a la necesidad de preparar a la FEB con instrucción y entrenamiento según la doctrina estadounidense. Fue un gran desafío, pero el buen trabajo dejado por la Misión Militar Francesa se evidenció en la rápida y fácil adaptación a la doctrina y en la utilización del material de guerra norteamericano, lo que contribuyó para que la FEB regresara victoriosa y llena de glorias.

“Muchos dicen que la FEB no fue a Europa bien preparada. Dadas las circunstancias, yo creo que sí lo estaba. Seguí todo el entrenamiento en la Once y vi llegar gente de todo Brasil: de Rio Grande do Sul, Paraná, Santa Catarina - de donde vino un grupo de más de 100 hombres que no hablaban portugués; sólo hablaban alemán... eran de origen alemán, pero eran buenos soldados brasileños. Aprendieron a hablar portugués en la Once [...]” (Relato del Sargento Tercero Ivan Esteves Alves, excombatiente de la Fuerza Expedicionaria Brasileña (FEB), extraído del libro Voces de la Guerra).

Os quatro generais da FEB, da esquerda para a direita, General Olympio Falconiere da Cunha, inspetor geral da FEB; General Euclides Zenobio da Costa, Comandante da Infantaria Divisionária; General João Batista Mascarenhas de Moraes, Comandante da FEB; e General Oswaldo Cordeiro de Farias, Comandante da Artilharia Divisionária (Acervo Fotográfico do Arquivo Histórico do Exército)

FEB: A nossa história 2

FEB
A nossa
história



2



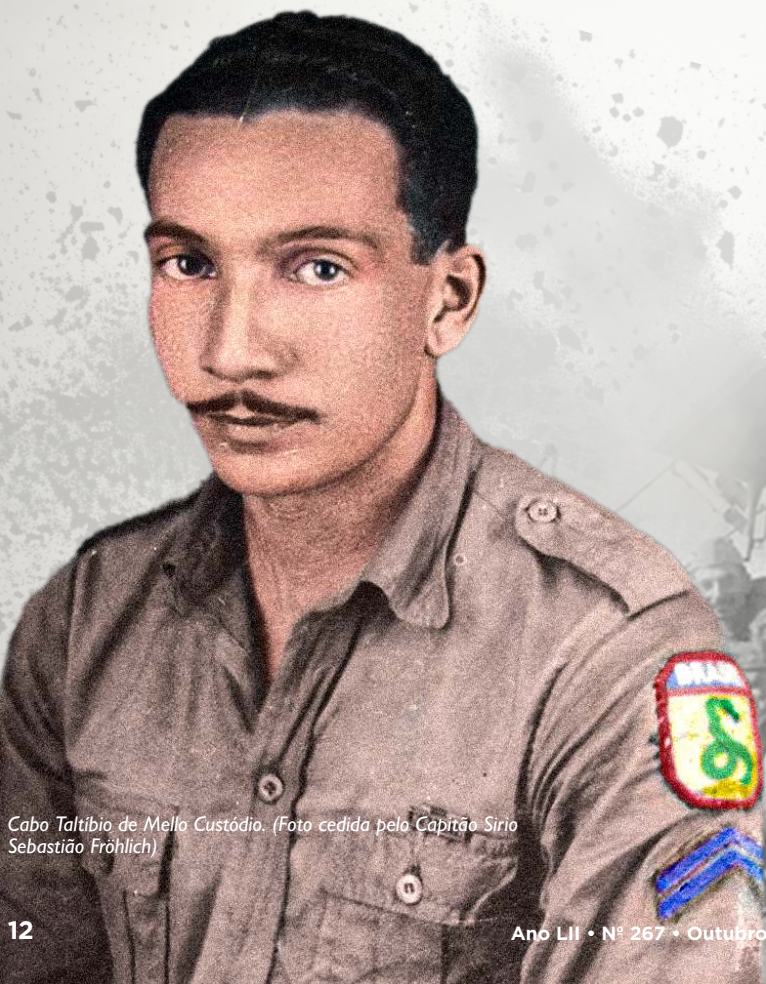
O EMBARQUE E O DESLOCAMENTO

Superadas todas as dificuldades encontradas, desde a mobilização até a fase de treinamento, no Rio de Janeiro, e tomadas todas as cautelas para a preservação do sigilo do dia do embarque, no dia 2 de julho de 1944, o 1º Escalão da FEB partiu rumo ao Teatro de Operações europeu sob o comando do General Mascarenhas de Moraes e lá fez sua história.

“A viagem foi terrível; não parava nada no estômago. Quando o navio subia e descia, parecia até que o estômago ia sair pela boca”. (Relato do Cabo Taltíbio de Mello Custódio, ex-combatente da Força Expedicionária Brasileira (FEB), extraído do Livro Vozes da Guerra).

Em razão da possibilidade de ataques, embarcações de combate brasileiras e norte-americanas escoltaram os navios que transportavam as nossas tropas, posteriormente, navios britânicos juntaram-se em apoio à escolta. Todos os protocolos de segurança foram realizados e treinados à exaustão, incluindo exercícios de abandono de navio, permanente uso de coletes salva-vidas e o escurecimento do navio durante a noite.

Contudo, a travessia do Oceano Atlântico não foi fácil para os pracinhas. As noites eram quentes e os compartimentos abafados e abarrotados, além de a alimentação ser desagradável e o agito do mar provocar enjoo e mal-estar, dificultando ainda mais a viagem para nossos heróis.



Cabo Taltíbio de Mello Custódio. (Foto cedida pelo Capitão Sirio Sebastião Fröhlich)



EMBARQUE Y DESPLAZAMIENTO

Después de superar todas las dificultades encontradas, desde la movilización hasta la fase de entrenamiento en Río de Janeiro, y tomando todas las precauciones para mantener en secreto el día del embarque, el 2 de julio de 1944, el 1º escalón de la FEB partió para el Teatro de Operaciones Europeo bajo el mando del General Mascarenhas de Moraes y allí hizo su historia.

“El viaje fue terrible; nada paraba en mi estómago. Cuando el barco subía y bajaba, sentía que el estómago se me iba a salir por la boca”. (Relato del Cabo Taltibio de Mello Custódio, excombatiente de la Fuerza Expedicionaria Brasileña (FEB), extraído del libro Voces de la Guerra).

Debido a la posibilidad de ataques, buques de combate brasileños y norteamericanos escoltaron los barcos que transportaban nuestras tropas, y más tarde se unieron buques británicos para apoyar la escolta. Se llevaron a cabo y practicaron al máximo todos los protocolos de seguridad, incluidos los simulacros de abandono del buque, el uso permanente de chalecos salvavidas y el oscurecimiento del barco por la noche.

Sin embargo, la travesía del océano Atlántico no fue fácil para los marinos. Las noches eran calurosas y los compartimientos sofocantes y abarrotados, la comida era desagradable y la agitación del mar provocaba mareos y malestar, lo que dificultaba aún más el viaje de nuestros héroes.

Embarque do 1º escalão da 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária da FEB com destino a Nápoles, Itália. (Exposição Virtual do Arquivo Nacional)

ADAPTAÇÃO E TREINAMENTO NA ITÁLIA

O 1º Escalão da FEB chegou no porto de Nápoles na manhã de 16 de julho de 1944, a tropa seguiu para o estacionamento de Agnaro, fazendo parte do trajeto a pé e parte por ferrovia. Nessa área, localizava-se um bosque plantado em ampla cratera do vulcão Astrônia.

Não havia sido feita a preparação da área para receber a tropa, diante disso, não existiam barracas e nem coberturas erguidas. Foram duras noites de frio que os pracinhas suportaram sem estarem abrigados. Vários militares brasileiros baixaram à enfermaria do 23º Hospital Geral (182º Station), instalado na área de “feira de amostras” de Tarquínia, todos com forte gripe, decorrente da poeira negra do vulcão e do forte frio noturno (primeiras noites em bivaque).

Em 26 de julho de 1944, o Comandante da FEB recebeu autorização para deslocar o 1º Escalão da FEB estacionado em Agnaro para Tarquínia, 350 km ao norte de Nápoles. Os 2º e 3º Escalões chegaram à Itália em 6 de outubro e levados até a cidade de Livorno, enquanto isso o 1º Escalão da FEB já se encontrava em combate. Em dezembro, chegou o 4º Escalão da FEB e o 5º e último Escalão da FEB chegaria em 22 de fevereiro de 1945, esses expedicionários seguiriam para os treinamentos no Campo de Instrução Brasileiro, que na ocasião já se localizava em Staffolli, a 30 km a leste de Pisa.

Vencidas as dificuldades iniciais da chegada à Itália, o 1º Escalão da FEB foi incorporado ao V Exército dos Estados Unidos, Grande Comando que vinha tendo destacada atuação em combate, desde a campanha da África. Em seguida, a FEB recebeu o material de emprego militar e foi possível iniciar o treinamento e a adaptação com o novo equipamento.

*Pracinha realizando a manutenção do armamento em área de acampamento, 1944
(Exposição Virtual do Arquivo Nacional)*



ADAPTACIÓN Y ENTRENAMIENTO EN ITALIA

El 1º escalón de la FEB llegó al puerto de Nápoles en la mañana del 16 de julio de 1944. Las tropas se dirigieron al aparcamiento del Agnaro, haciendo parte del trayecto a pie y parte en tren. La zona era un bosque plantado en un gran cráter del volcán Astronia.

La zona no había sido preparada para recibir a las tropas, por lo que no había tiendas ni tejados levantados, y los soldados soportaron duras noches de frío sin abrigo. Varios soldados brasileños bajaron a la enfermería del 23º Hospital General (182ª Estación), instalado en la zona de la “feria de muestras” de Tarquinia, todos aquejados de gripe, debido al polvo negro del volcán y al fuerte frío nocturno (las primeras noches en vivac).

El 26 de julio de 1944, el comandante de la FEB recibió autorización para trasladar el 1º Escalón de la FEB estacionado en Agnaro a Tarquinia, 350 km al norte de Nápoles. El 6 de octubre llegaron a Italia el 2º y 3º escalón, que fueron trasladados a la ciudad de Livorno, mientras que el 1º escalón de la FEB ya estaba en combate. En diciembre, llegó el 4º Escalón de la FEB y el 22 de febrero de 1945 llegó el 5º y último Escalón de la FEB. Estos expedicionarios pasarían a entrenarse en el Campo de Entrenamiento Brasileño, que en aquella época ya estaba situado en Staffolli, a 30 km al este de Pisa.

Tras superar las dificultades iniciales de la llegada a Italia, el 1º escalón de la FEB fue incorporado al Quinto Ejército de los Estados Unidos, un gran comando que había estado activa en combate desde la campaña de África. La FEB recibió entonces su material de guerra y pudo empezar a entrenarse y adaptarse al nuevo equipo.

FEB: A nossa história 4



Um grande exercício iniciado em 10 de setembro, no qual se fez o uso de abundante quantidade de munição real, brindou o término da preparação para o combate dos expedicionários brasileiros. Os oficiais norte-americanos, designados na função de árbitros, manifestaram os excelentes resultados evidenciados no exercício, atestando excelente grau de adestramento para o combate.

O General Mark Clark, comandante do V Exército, cumprimentou o General Zenóbio, declarando que a tropa brasileira já estava pronta para entrar em linha, devendo integrar as forças do General Crittenderguer, comandante do IV Corpo de Exército.

“Quando eu estava na enfermaria, o comandante do V Exército de Campanha, General Mark Clark, foi me cumprimentar, um ferido de outro país. O homem chegou lá de mão na pala, pedindo licença, ao tirar a mão foi cumprimentar os feridos de outro país. Só você vendo, eu tava lá de manhã, com o intérprete do lado, e o general pedindo para cumprimentar os feridos de outro país!” (Relato de 3º Sargento José Gomes Filho, ex-combatente da Força Expedicionária Brasileira (FEB), extraído do Livro Memórias de Soldados: A História da Força Expedicionária Brasileira).

3º Sargento José Gomes Filho
(Foto cedida pelo Capitão Sirio Sebastião Fröhlich)

3º Sargento Newton La Scaleia na posição de morteiro em Monte Castello (Arquivo digital do Jornal Estado de São Paulo)

“Chegamos ao local do acampamento pela manhã e comemos somente à noite. Dormimos ao relento; só no dia seguinte chegaram as barracas e o material para montar o acampamento. Nós mesmos montamos as barracas, que eram para 12 a 14 homens. O primeiro escalão sofreu mais por causa disso. Precisamos montar tudo; os outros [escalões] já receberam o acampamento pronto.” (Relato de 3º Sargento Newton La Scaleia, ex-combatente da Força Expedicionária Brasileira (FEB), extraído do Livro Vozes da Guerra).

Un gran ejercicio que comenzó el 10 de septiembre, en el que se utilizó abundante munición real, marcó el final de la preparación para el combate de los expedicionarios brasileños. Los oficiales estadounidenses, designados como árbitros, expresaron los excelentes resultados del ejercicio, dando fe de un excelente nivel de adiestramiento para el combate.

El General Mark Clark, comandante del V Ejército, felicitó al General Zenóbio, declarando que las tropas brasileñas estaban listas para entrar en línea y debían unirse a las fuerzas del General Crittenderguer, comandante del IV Cuerpo de Ejército.

“Llegamos al camping por la mañana y sólo comimos por la noche. Dormimos al raso; hasta el día siguiente no llegaron las tiendas y el material para montar el campamento. Nosotros mismos montamos las carpas, que eran para 12 o 14 hombres. El primer escalón fue el que más sufrió por ello. Tuvimos que montarlo todo; los otros [rangos] ya tenían el campamento preparado”. (Relato del Sgto. 3º Newton La Scaleia, excombatiente de la Fuerza Expedicionaria Brasileña (FEB), extraído del libro Voces de la Guerra).

“Mientras estaba en la enfermería, vino a saludarme el comandante del Quinto Ejército de Campaña, General Mark Clark, un herido de otro país. El hombre entró con la mano en el hombro, pidiendo que le excusaran, y cuando quitó la mano fue a saludar al herido de otro país. Como puede ver, yo estaba allí por la mañana, con el intérprete a mi lado, ¡y el general me pedía que saludara a los heridos de otro país!” (Relato del Sargento tercero José Gomes Filho, excombatiente de la Fuerza Expedicionaria Brasileña (FEB), extraído del libro Memorias de Soldados: Historia de la Fuerza Expedicionaria Brasileña).

Instrução de tiro na Itália (Exposição Virtual do Arquivo Nacional)



PRIMEIROS COMBATES CONTRA OS ALEMÃES

O Destacamento da Força Expedicionária Brasileira, comandado pelo General Zenóbio da Costa, realizou as primeiras operações militares na Itália após ser incorporado ao V Exército Americano, no dia 14 de agosto de 1944. No entanto, os pracinhas só entraram realmente em ação na noite de 15 para 16 de setembro de 1944, com a tarefa de substituir as tropas norte-americanas que vinham sofrendo contra-ataques nazistas ao norte de Pisa.

A nossa artilharia abriu fogo às 14 horas e 22 minutos contra o inimigo nazista, contribuindo decisivamente para a primeira conquista brasileira na Itália. De fato, nesse mesmo dia, a Força Expedicionária Brasileira libertou a cidade de Massarosa do controle alemão. Nossos pracinhas não permaneceram muito tempo nessa localidade e prosseguiram em direção à cidade de Camaione.

Então, no dia 18 de setembro de 1944, sob um intenso bombardeio da artilharia alemã, o grupamento do 1/6º RI (atualmente 6º Batalhão de Infantaria Leve, em Caçapava - SP) surpreendeu os alemães e ocupou a localidade de Camaione. Uma ponte destruída interrompeu o deslocamento do Pelotão de veículos blindados norte-americanos. Ainda assim, nossos pracinhas prosseguiram a pé no acidentado terreno do campo de batalha, sob intenso fogo de granadas e de morteiros.

Na próxima página destacamos a bravura e a liderança do Capitão Ernani Ayrosa da Silva, da 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária do Exército Brasileiro, durante a ação em Camaione. Ele foi condecorado com a Medalha Estrela de Bronze pelo General Mark Clark, comandante do 5º Exército dos Estados Unidos.

Primeira ação da Engenharia da FEB. O Capitão Möller supervisionou a montagem e a operação de uma ponte Bailey de cerca de 58 metros sobre o canal Usciana, afluente do rio Arno, em 6 de setembro de 1944 (Arquivo do CCOMSEx)



FEB: A nossa história 6

FEB
A nossa
história



PRIMERAS BATALLAS CONTRA LOS ALEMANES

El Destacamento de la Fuerza Expedicionaria Brasileña, comandado por el General Zenóbio da Costa, llevó a cabo sus primeras operaciones militares en Italia tras su incorporación al Quinto Ejército Americano el 14 de agosto de 1944. Sin embargo, no entraron realmente en acción hasta la noche del 15 al 16 de septiembre de 1944, con la misión de sustituir a las tropas americanas que habían sufrido los contraataques nazis al norte de Pisa.

Nuestra artillería abrió fuego a las 14:22 horas contra el enemigo nazi, contribuyendo decisivamente a la primera conquista brasileña en Italia. De hecho, ese mismo día, la Fuerza Expedicionaria Brasileña liberó la ciudad de Massarosa del control alemán. Nuestras escuadras no permanecieron mucho tiempo en esa localidad y continuaron hacia la ciudad de Camaiore.

Luego, el 18 de septiembre de 1944, bajo intenso bombardeo de la artillería alemana, el grupo 1/6º RI (actual 6º Batallón de Infantería Ligera, en Caçapava - SP) sorprendió a los alemanes y ocupó la ciudad de Camaiore. Un puente destruido interrumpió el movimiento del pelotón de blindados americanos, pero aún así, nuestros soldados continuaron a pie por el accidentado terreno del campo de batalla bajo un intenso fuego de granadas y morteros.

En la próxima página destacamos la valentía y el liderazgo del Capitán Ernani Ayrosa da Silva, de la 1ª División de Infantería Expedicionaria del Ejército Brasileño, durante la acción en Camaiore. Fue condecorado con la Medalla Estrella de Bronce por el General Mark Clark, comandante del 5º Ejército de los Estados Unidos.

População Italiana recebe, festivamente, os pracinhas em Massarosa (Arquivo do CCOMSEX)





3º Sargento João Gonzales no centro com outros pracinhas ainda no Brasil (Foto extraída do site TOK DE HISTÓRIA)

“Capitão Ernani Ayrosa da Silva, da 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária, Exército Brasileiro, pelo seu heroico desempenho em ação durante a ocupação de Camaione, Itália. O Capitão Ayrosa comandou um grupo composto de um pelotão de sua companhia, um pelotão de tanques e um pelotão de reconhecimento. Durante a estação, distinguiu-se pessoalmente pela sua coragem e frieza, conduzindo seu grupo através de fogos hostis de artilharia, morteiros e pequenas armas para capturar o objetivo. Durante o ataque em Lama de Soto, Itália, o Capitão Ayrosa, mais uma vez, com excepcionais qualidades de chefe, demonstrou seu valor ocultando seus ferimentos a fim de comandar sua companhia e mantendo as posições até que a retirada fosse ordenada pelo comandante do seu regimento. Sua conduta reflete as altas tradições do Exército Brasileiro”. (extraído do Jornal Cruzeiro do Sul, 11 de fevereiro de 1945).

“Fui ferido em Camaione. Houve o rompimento de uma linha telefônica pelos fogos da artilharia alemã. Nós apoiávamos a 1ª, a 2ª e a 3ª companhias. O capitão falou: ‘Olha, você precisa consertar essa linha.’ Eram 11h da noite. Eu falei: ‘Vamos tentar!’ Arrumei quatro soldados, e pegamos algumas bobinas... Cada bobina tinha 500m de fio. Saímos! Em um determinado momento, nós estávamos em um lugar onde caía uma bomba a cada 20 segundos... mas isso é modo de dizer, porque caía uma atrás da outra... Eu telefonei para ele [capitão] — andávamos com a linha na mão para ver onde o cabo estava rompido — e falei: ‘Capitão, aqui o negócio está muito perigoso. Estou me arriscando e arriscando a vida dos quatro soldados que estão comigo.’ Então ele disse: ‘O que é isso, rapaz! Você está com medo? Você nunca demonstrou medo, como é que agora você não quer seguir?’ Disse a ele: ‘Não é propriamente medo, estou querendo me precaver e resguardar meus soldados. ‘Não, não... Vá em frente’, insistiu o capitão. Ah, mas não andei mais 200 m. O estilhaço de uma das bombas me atingiu no pulmão direito e não vi mais nada. Só lembro que caí e perdi os sentidos.” (Relato do 3º Sargento João Gonzales, ex-combatente da Força Expedicionária Brasileira (FEB), extraído do Livro Vozes da Guerra).

Capitão Ernani Ayrosa da Silva, sendo condecorado com a Medalha Estrela de Bronze pelo General Mark Clark (foto extraída do Jornal Cruzeiro do Sul)



“Me hirieron en Camaiore. Una línea telefónica se rompió por el fuego de la artillería alemana. Estábamos apoyando a las compañías 1ª, 2ª y 3ª. El capitán dijo: ‘Mirad, tenéis que arreglar esta línea’. Eran las 11 de la noche. Dije: ‘¡Vamos a intentarlo!’ Reuní a cuatro soldados y cogimos unos carretes... Cada carrete tenía 500 metros de hilo. Nos pusimos en marcha. En un momento dado, estábamos en un lugar donde caía una bomba cada 20 segundos... pero eso es decir poco, porque caían una tras otra... Le llamé [al capitán] -estábamos caminando con el cabo en la mano para ver dónde se había roto el cable- y le dije: ‘Capitán, esto es muy peligroso. Estoy arriesgando mi vida y la de los cuatro soldados que me acompañan’. Entonces me dijo: ‘¿Qué pasa, muchacho! ¿Tienes miedo? Nunca has mostrado miedo, ¿cómo es que ahora no quieres seguirme?’ Le dije: ‘En realidad no es miedo, intento protegerme a mí y a mis soldados’. ‘No, no... Adelante’, insistió el capitán. Ah, pero no caminé otros 200 metros. La metralla de una de las bombas me alcanzó en el pulmón derecho y no vi nada más. Sólo recuerdo que caí y perdí el conocimiento”. (Relato del Sgto. 3º João Gonzales, excombatiente de la Fuerza Expedicionaria Brasileña (FEB), extraído del libro Voces de la Guerra).

Expedicionário da Companhia de Transmissões operando o equipamento de comunicações (Exposição Virtual do Arquivo Nacional)

“Capitán Ernani Ayrosa da Silva, de la 1ª División de Infantería Expedicionaria, Ejército Brasileño, por su heroica actuación en acción durante la ocupación de Camaiore, Italia. El Capitán Ayrosa comandaba un grupo compuesto por un pelotón de su compañía, un pelotón de tanques y un pelotón de reconocimiento. Durante la campaña, se distinguió personalmente por su valor y sangre fría, conduciendo a su grupo a través del fuego de artillería hostil, morteros y armas ligeras para capturar el objetivo. Durante el ataque en Lama de Soto (Italia), el Capitán Ayrosa, una vez más con excepcionales dotes de mando, demostró su valor ocultando sus heridas para ponerse al mando de su compañía y manteniendo las posiciones hasta que el comandante de su regimiento ordenó la retirada. Su comportamiento refleja las altas tradiciones del Ejército Brasileño”. (extracto del periódico Cruzeiro do Sul, 11 de febrero de 1945).

Pracinha e jipe do 6º Regimento de Infantaria em Camaiore (Exposição Virtual do Arquivo Nacional)

Em 20 de setembro de 1944, o General Zenóbio emitiu a Ordem Geral de Operações nº 6, externando a intenção de conquistar Monte Prano para enfraquecer o dispositivo defensivo nazista. Durante as seis jornadas dos dias 21 a 26 de setembro de 1944, canhões e carros de combate americanos realizaram a base de fogos para reduzir a capacidade defensiva do inimigo, e, nos dois últimos dias, proporcionaram a cobertura para a ação de patrulha do pelotão comandado pelo Tenente Mário Cabral de Vasconcelos, da 2ª Companhia do 6º Regimento de Infantaria.

Na tarde do dia 26 de setembro de 1944, as tropas alemãs abandonaram a posição e Monte Prano foi tomado pelos brasileiros, após seis jornadas de combate ao preço de cinco mortos e 17 feridos.

Batismo de fogo. Em 16 de setembro de 1944, o 1º Regimento de Obuses abriu fogo para conquista de Massarosa pelo 6º Regimento de Infantaria (Acervo do CCOMSEx)

Nas duas semanas finais de setembro de 1944, o Destacamento da Força Expedicionária Brasileira (FEB) já tinha recebido seu batismo de fogo, progredido cerca de 18 km para além do território defendido por nazistas e feito 31 prisioneiros.

Mas chegara o momento de reorganizar o dispositivo das tropas empenhadas e conduzir o esforço principal pelo vale do Sercchio, progredindo na direção de Castelnuovo di Garfagnana. Esses movimentos se concretizaram plenamente no dia 2 de outubro em meio às ações de combate que permeavam aquela zona montanhosa.



El 20 de septiembre de 1944, el General Zenóbio emitió la Orden General de Operaciones n° 6, declarando su intención de conquistar Monte Prano para debilitar el aparato defensivo nazi. Durante los seis días comprendidos entre el 21 y el 26 de septiembre de 1944, cañones y vehículos de combate norteamericanos realizaron la base de fuego para reducir la capacidad defensiva del enemigo y, en los dos últimos días, dieron cobertura a la acción de patrulla del pelotón comandado por el Teniente Mário Cabral de Vasconcelos, de la 2^{da} Compañía del 6º Regimiento de Infantería.

En la tarde del 26 de septiembre de 1944, las tropas alemanas abandonaron su posición y Monte Prano fue tomado por los brasileños, tras seis días de combates con cinco muertos y 17 heridos.

En las dos últimas semanas de septiembre de 1944, el Destacamento de la Fuerza Expedicionaria Brasileña (FEB) ya había recibido su bautismo de fuego, avanzado unos 18 kilómetros más allá del territorio defendido por los nazis y hecho 31 prisioneros.

Pero había llegado el momento de reorganizar las tropas comprometidas y dirigir el esfuerzo principal a través del valle del Sercchio, avanzando hacia Castelnuovo di Garfagnana. Estos movimientos fructificaron el 2 de octubre en medio de los combates que impregnaban la zona montañosa.



Em 30 de setembro de 1944, o 2º Batalhão do 6º Regimento de Infantaria, comandado pelo Major Abílio Pontes, retomou os combates com o inimigo nas proximidades de Capanne e Osteria; essas ações alongaram-se por mais dois dias em decorrência de chuvas torrenciais que dificultaram a progressão. Em 4 de outubro de 1944, os movimentos puderam ser retomados e, dois dias depois, o Destacamento FEB ocupou a localidade de Fornaci.

Surpreendidos com as ações brasileiras, os alemães retiraram-se sem destruir uma fábrica de munições e de acessórios para aviões, retornando na madrugada do dia 7 de outubro de 1944 para executar uma provável ação de destruição, porém foram repelidos pelo fogo do II Grupo do 1º Regimento de Obuses Auto-Rebocado, atual 21º Grupo de Artilharia de Campanha, sediado em Niterói (RJ).

Após essas ações e breve pausa na progressão, por necessidade de reorganizar e centralizar os meios de combate, dois dias depois, o comandante do Destacamento FEB, General Zenóbio da Costa, determinou o envio de patrulhas de infantaria, com a tarefa de obter informações atualizadas sobre o inimigo.

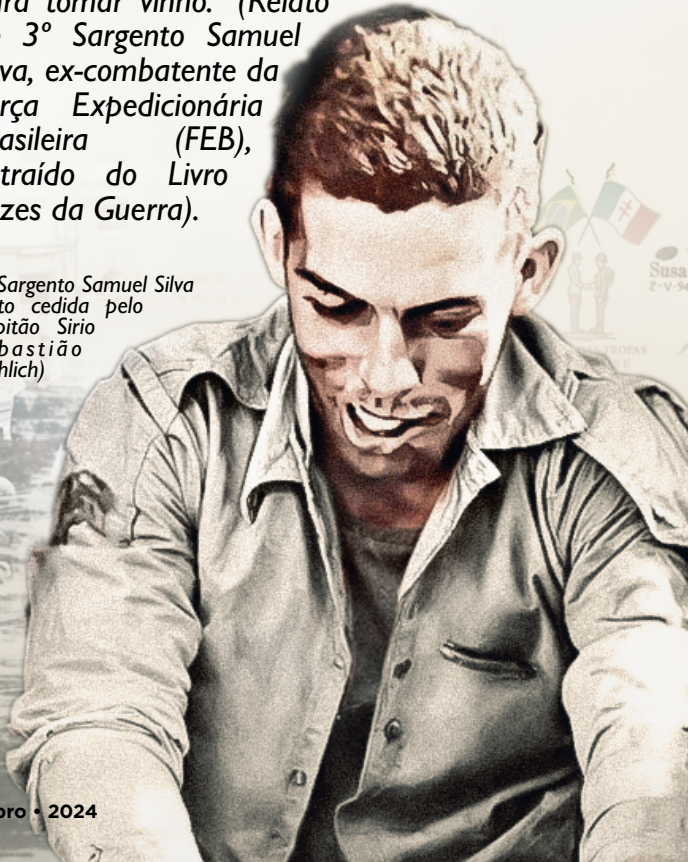
Algumas dessas patrulhas viram-se sob intensos fogos de morteiro e metralhadoras, e ao regressarem com as novas informações sobre os nazistas, suscitaram à decisão do comandante para a retomada do movimento em direção a Barga.

FEB em Massarosa (Acervo do CCOMSEx)

No dia 11 de outubro de 1944, os pracinhas avançaram em direção à cidade de Barga sob o pesado volume de fogo alemão. Ainda assim, não frustrou a ocupação dessa localidade pelos expedicionários. Barga permaneceu no controle da tropa brasileira até o dia 4 de novembro, quando a FEB foi deslocada do Vale do Serchio para atuar no Vale do Reno; setor de combate onde transcorria cruenta batalha e deixaria dura, mas honrosa lembrança para a Divisão Brasileira na 2ª Guerra Mundial.

“Muitas vezes passamos por lugares que não tinham placa, indicando o nome. Depois de passar por Fornaci di Barga, onde havia uma fábrica de munição, o 6º RI ocupou Barga. Mas, para chegar até lá, perdemos alguns homens. Entramos em Barga, coluna por um, reparo [da metralhadora] na frente. O povo saía à rua, olhava, via que não éramos alemães. Eles batiam palmas e diziam: ‘Liberatori! Liberatori!’ Poxa! Liberatori... Nós estávamos libertando a cidade deles... Isso encheu nosso peito. Tivemos contato com a população; as famílias estavam geralmente desfalcadas, pois os homens se encontravam no combate. Por 10 dias passamos lá, em contato com as pessoas que nos convidavam para tomar vinho.” (Relato de 3º Sargento Samuel Silva, ex-combatente da Força Expedicionária Brasileira (FEB), extraído do Livro Vozes da Guerra).

3º Sargento Samuel Silva
(Foto cedida pelo
Capitão Sirio
Sebastião
Fröhlich)



El 30 de septiembre de 1944, el 2º Batallón del 6º Regimiento de Infantería, al mando del Mayor Abílio Pontes, reanudó los combates con el enemigo cerca de Capanne y Osteria; estas acciones duraron otros dos días debido a las lluvias torrenciales que dificultaban el avance. El 4 de octubre de 1944, los movimientos pudieron ser reanudados y, dos días después, el Destacamento de la FEB ocupó la ciudad de Fornaci.

Sorprendidos por las acciones brasileñas, los alemanes se retiraron sin destruir una fábrica de municiones y accesorios de aviación. Regresaron en la madrugada del 7 de octubre de 1944 para realizar una probable acción de destrucción, pero fueron repelidos por el fuego del II Grupo del 1º Regimiento de Obuses Autorebocados, actual 21º Grupo de Artillería de Campaña en Niterói (RJ).

Después de estas acciones y de una breve pausa en el avance, debido a la necesidad de reorganizar y centralizar los medios de combate, dos días más tarde, el comandante del Destacamento de la FEB, General Zenóbio da Costa, ordenó el envío de patrullas de infantería, con la tarea de obtener información actualizada sobre el enemigo.

Algunas de estas patrullas fueron sometidas a un intenso fuego de mortero y ametralladora, y cuando regresaron con la nueva información sobre los nazis, el comandante decidió reanudar el movimiento hacia Barga.

El 11 de octubre de 1944, las tropas avanzaron hacia la ciudad de Barga bajo un intenso fuego alemán, aunque esto no frustró la ocupación de la ciudad por parte de los expedicionarios. Barga permaneció bajo el control de las tropas brasileñas hasta el 4 de noviembre, cuando la FEB fue trasladada del valle del Serchio al valle del Rin; un sector de combate en el que se estaba librando una encarnizada batalla y que dejaría un duro pero honroso recuerdo para la División brasileña en la Segunda Guerra Mundial.

"A menudo pasábamos por lugares que no tenían un cartel indicando su nombre. Después de pasar por Fornaci di Barga, donde había una fábrica de municiones, la 6ª RI ocupó Barga. Pero para llegar allí, perdimos algunos hombres. Entramos en Barga, columna por columna, reparando [la ametralladora] en el frente. La gente salió a la calle, miró y vio que no éramos alemanes. Aplaudieron y dijeron: '¡Liberatori! Liberatori!' ¡Vaya! Liberatori... Estábamos liberando su ciudad... Nos llenaba el pecho. Tuvimos contacto con la población; las familias estaban generalmente vacías porque los hombres estaban fuera luchando. Pasamos 10 días allí, en contacto con gente que nos invitaba a beber vino". (Informe del Sgto. 3º Samuel Filho, ex combatiente de la Fuerza Expedicionaria Brasileña (FEB), extraído del libro *Voces de la Guerra*).

Roteiro da FEB na campanha da Itália
(Acervo do CCOMSEx)



A DEFENSIVA DE INVERNO, PATRULHAS, BOMBARDEIOS E O FRIO

Após malogrado ataque da Task Force 45 a Monte Castello, nos dias 24 e 25 de novembro de 1944, a fim de aliviar a ameaça que permanentemente pairava sobre a Estrada 64, seu eixo de comunicação e abastecimento, o comandante do IV Corpo de Exército decidiu empregar ofensivamente a 1ª DIE.

A divisão expedicionária, comandada pelo General Mascarenhas de Moraes, encontrava-se com pesados encargos defensivos; a manutenção da frente de 15 km. Além disso, não tinham concluído o adestramento com os 2º e 3º escalões recém-chegados do Brasil e, ainda, se encontravam fora do Teatro de Operações os 4º e 5º escalões. Estabelecia-se, portanto, para a FEB uma dupla atitude, defender uma extensa área e atacar, com todas essas adversidades, para conquistar a inexpugnável posição de Monte Castello.

Dolorosas foram as jornadas de infrutíferos ataques a Monte Castello que resultaram em centenas de baixas para nossas tropas. Mesmo submetidos à duríssima prova, nossos expedicionários confirmaram a coragem e espírito de disciplina. Defender uma frente de 15 km, dominada pelo inimigo e simultaneamente atacar Monte Castello com meios escassos, eram duas tarefas que excediam a capacidade da Divisão.

Tropas e petrechos sendo transportados por cavalos e muarens nas montanhas da Itália (Exposição Virtual do Arquivo Nacional)

“Foi necessário um esforço muito grande para vencer o frio, o barro e o fogo inimigo... Ver um companheiro tombando causa uma dor sem explicação. É o pior momento da guerra! Um companheiro cai a seu lado, pede socorro, e você não pode oferecer porque está com as vistas voltadas para o inimigo. É uma dor muito grande estar nessa situação[...] devíamos acionar os enfermeiros para cuidar daquele ferido. [...] Quando tomei os tiros em Abetia, nas raías do Monte Castello, a impressão que eu tive era de estar morto. Só quando alguém me chamou pelo nome é que eu percebi que continuava vivo. Foram 13 tiros que me acertaram [...] depois me levaram para um posto médico, com maiores recursos. Credito isso a Deus; é ele que nos dá a vida e pode tirá-la quando quiser.”
(Relato de 3º Sargento Divaldo Medrado, ex-combatente da Força Expedicionária Brasileira (FEB), extraído do Livro Vozes da Guerra).



1º Tenente RI Divaldo Medrado. Como 3º Sargento combateu pelo 11º Regimento de Infantaria, até ser ferido em Abetia (Foto ANVFEB-BH)



LA DEFENSIVA INVERNAL, LAS PATRULLAS, LOS BOMBARDEOS Y EL FRÍO

Después del infructuoso ataque de la Task Force 45 a Monte Castello, los días 24 y 25 de noviembre de 1944, para aliviar la amenaza que se cernía permanentemente sobre la Ruta 64, su nudo de comunicaciones y abastecimiento, el comandante del IV Cuerpo de Ejército decidió emplear ofensivamente la 1ª DIE.

La división expedicionaria, comandada por el general Mascarenhas de Moraes, tuvo que hacer frente a pesadas cargas defensivas: el mantenimiento del frente de 15 kilómetros. Además, los escalones 2º y 3º, recién llegados de Brasil, no habían completado su entrenamiento y los escalones 4º y 5º aún estaban fuera del Teatro de Operaciones. La FEB se enfrentaba, por lo tanto, a una doble tarea: defender una extensa área y atacar con todas estas adversidades para conquistar la inexpugnable posición de Monte Castello.

Dolorosas fueron las jornadas de infructuosos ataques a Monte Castello, que se saldaron con centenares de bajas para nuestras tropas. A pesar de estar sometidos a la prueba más dura, nuestros expedicionarios demostraron su valor y su espíritu de disciplina. Defender un frente de 15 kilómetros, dominado por el enemigo, y atacar simultáneamente Monte Castello con escasos medios, fueron dos tareas que superaron la capacidad de la División.

“Fue necesario un gran esfuerzo para superar el frío, el barro y el fuego enemigo... Ver caer a un camarada es un dolor sin explicación. Es el peor momento de la guerra. Un camarada cae a tu lado, te pide ayuda y no puedes ofrecérsela porque tienes la vista puesta en el enemigo. Es un gran dolor estar en esa situación [...] deberíamos llamar a las enfermeras para que se ocupen de ese herido. [...] Cuando me dispararon en Abetaia, al borde de Monte Castello, la impresión que tuve fue que estaba muerto. Sólo cuando alguien me llamó por mi nombre me di cuenta de que seguía vivo. Fueron 13 disparos los que me alcanzaron [...] después me llevaron a un centro médico con más medios. Se lo atribuyo a Dios; él es quien nos da la vida y puede quitárnosla cuando quiera”. (Relato del Sgto. 3º Divaldo Medrado, ex combatiente de la Fuerza Expedicionaria Brasileña (FEB), extraído del libro Voces de la Guerra).

FEB: Como nossos heróis enfrentaram o frio



Grupo de combate em posição para a batalha com fuzil-metralhador (Exposição Virtual do Arquivo Nacional)



Durante o ataque de 12 de dezembro de 1944, a Monte Castello, o Capitão João Tarciso Bueno comandava a 1ª Companhia do 11º Regimento de Infantaria. Na progressão para aquele objetivo foi atingido por uma rajada de metralhadora, tombou junto às linhas alemãs e por lá permaneceu até ser resgatado pelo Soldado Sérgio Pereira, que atravessou sozinho as linhas brasileiras em busca do capitão. Quando o encontrou, foi puxando-o de arrasto até um local próximo das linhas brasileiras para lhe dar os primeiros socorros.

O Gen Crittenberger determinou que a FEB ficasse dispensada dos seus compromissos ofensivos, passando a adotar exclusivamente atitude defensiva e aproveitar para reajustar os pontos necessários.

Com a chegada do inverno, o campo de batalha ficou inteiramente coberto por densa camada de neve, uma paisagem desconhecida para os brasileiros, que tinham de suportar nas trincheiras (*fox hole*) temperaturas de 18º centígrados abaixo de zero e em um terreno montanhoso. Tais aspectos foram obstáculos severos para os nossos soldados.

Capitão Bueno (Acervo do CCOMSEx)

“Citação de combate do Soldado Sérgio Pereira, em 14 de dezembro de 1944. Várias tentativas se fizeram para reconduzir as nossas linhas ao capitão João Tarciso Bueno, comandante da primeira companhia, gravemente ferido, em local tão perigoso batido pelo fogo inimigo. Essas tentativas frustraram as patrulhas organizadas que regressaram sem o ferido. Na madrugada do dia seguinte ao do combate, silenciosamente, sozinho, parte o soldado Sérgio à procura de seu comandante de companhia. Ordenança que era do capitão Bueno havia apenas poucos dias, parte e volta transportando o oficial ferido até um ponto onde pudesse ele ter assistência. Mais que a dedicação pessoal, vejo neste gesto nobre do soldado Sérgio a dedicação do subordinado pelo seu superior, qualidade primacial na tropa para que o seu esforço atinja o objetivo máximo. É um magnífico exemplo de dedicação ao chefe que tenho a mais grata satisfação de apontar à FEB.” (Extraído do Jornal Cruzeiro do Sul, 24 de janeiro de 1945).



Patrulha em deslocamento
(Exposição Virtual do Arquivo Nacional)

Durante el ataque a Monte Castello, el 12 de diciembre de 1944, el Capitán João Tarciso Bueno, que comandaba la 1ª Compañía del 11º Regimiento de Infantería en su avance hacia aquel objetivo, se alcanzó por una ráfaga de ametralladora y cayó junto a las líneas alemanas, permaneciendo allí hasta que fue rescatado por el Soldado Sérgio Pereira, que cruzó solo las líneas brasileñas en busca del Capitán y, cuando lo encontró, fue arrastrado hasta un lugar próximo a las líneas brasileñas para prestarle los primeros auxilios.

Crittenberger ordenó que la FEB fuera relevada de sus compromisos ofensivos, adoptando una actitud exclusivamente defensiva y aprovechando la oportunidad para reajustar los puntos necesarios.

“Cita de combate del Soldado Sérgio Pereira, el 14 de diciembre de 1944. Se hicieron varias tentativas para traer de vuelta a nuestras líneas al Capitán João Tarciso Bueno, comandante de la primera compañía, gravemente herido, en un lugar tan peligroso alcanzado por el fuego enemigo. Estos intentos frustraron las patrullas organizadas, que regresaron sin el herido. Al amanecer del día siguiente a la batalla, el soldado Sérgio partió solo y en silencio en busca del comandante de su compañía. Ordenanza que llevaba pocos días con el Capitán Bueno, partió y regresó llevando al oficial herido hasta un punto donde pudiera recibir asistencia. Más que dedicación personal, veo en este noble gesto del Soldado Sérgio la dedicación del subordinado a su superior, cualidad primordial en la tropa para que sus esfuerzos alcancen su máximo objetivo. Es un magnífico ejemplo de dedicación al jefe que me complace señalar a la FEB”. (Extracto del periódico Cruzeiro do Sul, 24 de enero de 1945).

Con la llegada del invierno, el campo de batalla quedó totalmente cubierto por una gruesa capa de nieve, un paisaje desconocido para los brasileños, que tuvieron que aguantar en las trincheras, u hoyos de zorro como se las llamaba, a la intemperie con temperaturas de 18 grados centígrados bajo cero y en terreno montañoso. Tales condiciones fueron obstáculos desafiantes para nuestros soldados.



Soldado Sérgio, recebendo a Estrela de Bronze do General Truscott
(Foto extraída do Jornal Cruzeiro do Sul)

FEB 80



HERÓIS SEMPR

ANOS



RE LEMBRADOS



O estabelecimento do contato com os alemães se dava por meio do emprego de patrulhas e bombardeios, de um lado e do outro à noite. Todos sofriam inquietação ininterrupta de granadas de artilharia e morteiro, acarretando inúmeras baixas.

No dia 29 de dezembro de 1944, o Sargento Nilo foi destacado para uma patrulha e com seu grupo de combate penetrou numa brecha entre casamatas alemãs, capturando três militares. O trecho abaixo é uma narrativa do combate durante a patrulha, com foco na interação direta com os soldados alemães (referidos como “Tedescos”) e as táticas usadas para forçá-los a sair de uma posição fortificada (casamata).

“Não vamos entrar ainda. Primeiro vamos jogar umas granadas. Maruco levantou o pano da casamata e eu e o cabo atiramos, cada um, uma granada ao mesmo tempo. Os Tedescos fizeram barulho lá dentro, então nós gritamos, pra fora! Pra fora! Mas Tedesco não entende português. Demos então duas rajadas de metralhadora para fazer Tedesco sair, que ele estava demorando muito. O primeiro que saiu foi um cabo, podia ter uns 16 anos, bem novo. Depois saiu outro cabo, depois um suboficial, esse já meio idoso. Como não saía mais ninguém, o Cabo Casimiro arrancou o pano da casamata nisto, por trás do pano estava um tedesco que avançou com o canivete na mão. O tedesco também luta de canivete. Demos uma rajada e ele morreu. Depois disso entramos na casamata para tirar um soldado alemão que tinha sido ferido pelas nossas granadas. Tinha um ferimento na perna e outro no rosto. Entreguei cada um dos prisioneiros a um soldado da patrulha dizendo, toma conta deste”. (Relato de 3º Sargento Nilo de Moraes Pinheiro, ex-combatente da Força Expedicionária Brasileira (FEB), extraído do Jornal Cruzeiro do Sul, 17 de janeiro de 1945).

Sargento Nilo de Moraes Pinheiro
(Foto extraída do Jornal Cruzeiro do Sul)

Suboficial alemão feito prisioneiro
(Foto extraída do Jornal Cruzeiro do Sul)

*“No vamos a entrar todavía. Vamos a lanzar primero algunas granadas. Maruco levantó la cortina del búnker y el cabo y yo lanzamos una granada cada uno al mismo tiempo. Los tedescos hicieron ruido dentro, así que gritamos: ¡fuera! ¡Fuera! Pero Tedesco no entiende portugués. Entonces disparamos dos ráfagas de ametralladora para hacer salir a Tedesco, que tardaba demasiado. El primero en salir fue un cabo, podría tener 16 años, muy joven. Luego salió otro cabo, luego un suboficial, éste ya un poco mayor. Cuando no salió nadie más, el Cabo Casimiro arrancó la cortina del búnker y detrás de la cortina había un tedesco que se presentó con una navaja en la mano. El tedesco también luchó con una navaja. Le disparamos y murió. Después entramos en el búnker para sacar a un soldado alemán que había sido herido por nuestras granadas. Tenía una herida en la pierna y otra en la cara. Entregué a cada uno de los prisioneros a un soldado de la patrulla, diciendo: “Encárgate de éste”. (Relato del Sargento 3º Nilo de Morais Pinheiro, ex combatiente de la Fuerza Expedicionaria Brasileña (FEB), extraído del periódico *Cruzeiro do Sul*, 17 de enero de 1945).*

El establecimiento de contacto con los alemanes se hacía mediante el uso de patrullas y bombardeos, de un lado y de otro por la noche, que sufrían el acoso ininterrumpido de la artillería y los proyectiles de mortero, con el resultado de innumerables bajas.

El 29 de diciembre de 1944, el Sargento Nilo fue asignado a una patrulla y con su grupo de combate penetró en una brecha entre búnkeres alemanes y capturó a tres soldados. El siguiente extracto es una narración del combate durante la patrulla, centrándose en la interacción directa con los soldados alemanes (denominados “Tedescos”) y las tácticas utilizadas para obligarlos a salir de una posición fortificada (búnker).

Patrulha interrompe o deslocamento para observar a situação do inimigo nas montanhas soterradas pela neve (Acervo do CCOMSEx)



AÇÕES NO VALE DO RENO, A VITÓRIA EM MONTE CÁSTELLO

Assim que o inverno atenuava, o período de estabilização (período de 13 de dezembro de 1944 a 18 de fevereiro de 1945) se aproximava do fim e começavam os preparativos para a ofensiva. Nesse período foram capturados 23 alemães e ocorridas 329 baixas, entre mortos e feridos durante os contatos provocados pelas patrulhas.

Havia chegado a hora da retomada da ofensiva pelo IV Corpo de Exército, que enquadrava a 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária (1ª DIE). A Ordem de Batalha atribuía ao 1º Regimento de Infantaria (RI), o Regimento Sampaio, a ação principal, cabendo a um batalhão do 11º RI as ações de defesa de flanco. Para garantir o êxito das operações, a nossa Artilharia de Campanha teve seus meios acrescidos das companhias de obuses do 11º RI e do 1º RI.

Às 5h30min do dia 21 de fevereiro de 1945, o 1º RI desencadeou um ataque, com fúria e determinação, para atingir Monte Castello na mesma jornada e, para isso, contou com os eficazes fogos da Artilharia. Defrontando-se com robusta resistência, a FEB, às 17h20min, subjugou as defesas da 232ª Divisão de Infantaria Alemã e instalou-se defensivamente nos objetivos conquistados.

No entanto, após terem atingido as alturas de Monte Castello, os brasileiros observaram as armas inimigas posicionadas na região de La Serra, que vinham dificultando os movimentos das tropas americanas adjacentes ao dispositivo do Exército Brasileiro. Conforme o já planejado, coube ao Regimento Sampaio, comandado pelo Coronel Caiado de Castro, realizar o ataque para conquistar e manter a região ainda em controle alemão.

Na noite do dia 23 de fevereiro de 1945, o 2º Batalhão do Regimento Sampaio (II/1º RI), após breve preparação de artilharia, iniciou o movimento para capturar a linha de cota 958 - La Serra. Dessa forma, ao cumprir com rapidez esse objetivo, o Batalhão brasileiro não foi surpreendido com as violentas investidas alemãs para a reconquista da posição perdida para os brasileiros.

Com a conquista dessa elevação, a FEB deu um valioso apoio às operações de conquista de Della Torracchia, que só veio a acontecer pela 10ª Divisão de Montanha americana após uma dura jornada de batalha, em 24 de fevereiro de 1945. Essa sequência de vitórias garantiu que os aliados pudessem observar a estrada que seguia para Bolonha e, ao mesmo tempo, impedia que os alemães observassem esse setor. Findara, dessa forma, a primeira fase da ofensiva da 1ª DIE.



General Aguiinaldo Caiado de Castro. Como Coronel comandou o 1º Regimento de Infantaria durante as ações de combate nos campos da Itália (Foto cedida pelo Capitão Sirio Sebastião Fröhlich)

ACCIONES EN EL VALLE DEL RIN, VICTORIA EN MONTE CASTELLO

A medida que el invierno declinaba, el período de estabilización (del 13 de diciembre de 1944 al 18 de febrero de 1945) llegaba a su fin y comenzaban los preparativos para la ofensiva. Durante este período, fueron capturados 23 alemanes y se produjeron 329 bajas, entre muertos y heridos durante los contactos provocados por las patrullas.

Había llegado el momento de que el IV Cuerpo de Ejército, del que formaba parte la 1ª División de Infantería Expedicionaria (1ª DIE), reanudara la ofensiva. El Orden de Batalla asignó al 1º Regimiento de Infantería (RI), el Regimiento Sampaio, la acción principal, siendo un batallón del 11º RI responsable de la defensa del flanco. Para garantizar el éxito de las operaciones, a nuestra Artillería de Campaña se unieron compañías de obuses del 11º RI y del 1º RI.

A las 5.30 horas del 21 de febrero de 1945, el 1º RI lanzó un ataque furioso y decidido para alcanzar Monte Castello ese mismo día, apoyándose en un eficaz fuego de artillería. Enfrentada a una dura resistencia, a las 17.20 horas la FEB arrolló las defensas de la 232ª División de Infantería alemana y se estableció defensivamente en los objetivos conquistados.

Sin embargo, después de alcanzar las alturas de Monte Castello, los brasileños divisaron armas enemigas posicionadas en la región de La Serra, que venían dificultando los movimientos de las tropas americanas adyacentes al dispositivo del Ejército Brasileño. Según lo previsto el Regimiento Sampaio, comandado por el Coronel Caiado de Castro, recibió la misión de realizar el ataque para conquistar y mantener la región aún bajo control alemán.

En la noche del 23 de febrero de 1945, el 2º Batallón del Regimiento Sampaio (II/1º RI), después de una breve preparación artillera, inició el movimiento para capturar la línea 958 - La Serra. Al alcanzar rápidamente este objetivo, el batallón brasileño no fue sorprendido por los violentos ataques alemanes para reconquistar la posición perdida por los brasileños.

Con la conquista de esta elevación, la FEB proporcionó un valioso apoyo a las operaciones de conquista de Della Torraccia, que sólo fue alcanzada por la 10ª División de Montaña americana después de una agotadora batalla el 24 de febrero de 1945. Esta secuencia de victorias aseguró que los Aliados pudieran observar la carretera de Bolonia y, al mismo tiempo, impidió que los alemanes observaran este sector. Así terminó la primera fase de la ofensiva de la 1ª DIE.

Durante o ataque a Monte Castello, via-se os efeitos do bombardeio, da artilharia brasileira, sobre os alemães (Foto do Acervo do CCOMSEx)



A CONQUISTA DE CASTELNUOVO

A 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária (1ª DIE) prosseguia em atitude ofensiva, sob o comando do IV Corpo de Exército, que tinha a tarefa de eliminar as resistências nazistas no vale do Marano e, em uma fase seguinte, conquistar Castelnuovo. A missão da 1ª DIE era complexa, pois para iniciar o ataque em Castelnuovo seria necessário sincronizar suas ações com a 10ª Divisão de Montanha, que já estava em combate desde o dia 3 de março de 1945, no flanco esquerdo das tropas brasileiras.

Nesse momento, coube à 1ª DIE cooperar com ações que desviassem a atenção do inimigo em seu setor de responsabilidade até que, no dia 5 de março de 1945, o 1º Batalhão do 11º Regimento de Infantaria (I/11º RI) e o 2º Batalhão do 11º Regimento de Infantaria (II/11º RI) ocuparam suas posições de partida, onde foram duramente hostilizados pelas armas automáticas postadas na região de Castelnuovo e pelo bombardeio da artilharia alemã.

Em resposta, a Artilharia Divisionária, comandada pelo General Cordeiro de Farias, desencadeou um pesado bombardeio sobre os observatórios inimigos, aliviando a pesada tarefa do escalão de ataque, que já vinha sofrendo baixas sem ter iniciado o movimento para Castelnuovo.

Enquanto isso, o 1º e o 2º Batalhões do 6º Regimento de Infantaria (6º RI) iniciaram sua primeira missão, que era dominar as eficientes posições de fogo dos alemães em Soprassasso, ao sudoeste de Castelnuovo, tendo a sua cobertura de flanco feita pelo I/11º RI, que também apoiava o ataque do II/11º RI a Castelnuovo.

Às seis horas da tarde do dia 5 de março de 1945, com uma considerável ajuda da artilharia, Castelnuovo caiu em poder da FEB, ao mesmo tempo que o 2º Batalhão do 6º RI conquistava o controle de Soprassasso. Toda essa ação custou quase 70 baixas brasileiras, aproximadamente 1/3 dos mortos e feridos em ação no mês de março de 1945.

A conquista de Soprassasso – Dominando a rota 64 em quase todo o trecho Porreta-Riola, o célebre Soprassasso, de saudosa memória, nos atormentou cerca de quatro longos meses. A neve, o frio, os franco-atiradores completaram o nosso martírio nessas paragens[...] nossa Unidade por tão espetacular conquista teve um morto, o Cabo Romeu Casagrande da 2ª Cia e 25 feridos. Pagamos caro a vitória, mas essa foi a amostra da arrancada final[...] (citação do livro O Sexto Regimento de Infantaria Expedicionário).

*Elementos da 3ª Cia do 6º Regimento de Infantaria em Castelnuovo
(Foto extraída do livro O Sexto Regimento de Infantaria Expedicionário)*



LA CONQUISTA DE CASTELNUOVO

La 1ª División de Infantería Expedicionaria (1ª DIE) prosiguió la ofensiva, bajo el mando del IV Cuerpo de Ejército, que tenía la misión de eliminar la resistencia nazi en el valle de Marano y, en la fase siguiente, conquistar Castelnuovo. La misión de la 1ª DIE era compleja, pues para iniciar el ataque a Castelnuovo tendría que sincronizar sus acciones con la 10ª División de Montaña, que ya estaba en combate desde el 3 de marzo de 1945, en el flanco izquierdo de las tropas brasileñas.

En este punto, correspondió a la 1ª DIE cooperar con acciones que desviasen la atención del enemigo en su sector de responsabilidad hasta que, el 5 de marzo de 1945, el 1º Batallón del 11º Regimiento de Infantería (I/11º RI) y el 2º Batallón del 11º Regimiento de Infantería (II/11º RI) ocupasen sus posiciones de partida, donde fueron duramente hostigados por las armas automáticas apostadas en la zona de Castelnuovo y por el bombardeo de la artillería alemana.

En respuesta, la Artillería Divisional, comandada por el General Cordeiro de Farias, desencadenó un intenso bombardeo sobre los observatorios enemigos, aliviando la pesada tarea del escalón de ataque, que ya venía sufriendo bajas sin haber iniciado el movimiento hacia Castelnuovo.

Mientras tanto, los batallones 1º y 2º del 6º

Regimiento de Infantería (6º RI) comenzaron su primera misión, que consistía en dominar las eficaces posiciones de tiro de los alemanes en Soprassasso, al suroeste de Castelnuovo, con la cobertura de flanco proporcionada por el I/11º RI, que también apoyaba el ataque del II/11º RI a Castelnuovo.

A las 18 horas del 5 de marzo de 1945, con considerable ayuda de la artillería, Castelnuovo cayó en manos de la FEB, al mismo tiempo que el II Batallón del VI RI se hacía con el control de Soprassasso. Toda esta acción costó casi 70 bajas brasileñas, aproximadamente 1/3 de los muertos y heridos en acción en marzo de 1945.

La conquista de Soprassasso - Dominando la Ruta 64 en casi todo el trecho Porreta-Riola, el tristemente célebre Soprassasso, de nostálgica memoria, nos atormentó durante cuatro largos meses. La nieve, el frío, los francotiradores completaron nuestro martirio en estos parajes [...] nuestra Unidad para tan espectacular conquista tuvo un muerto, el cabo Romeu Casagrande, de la 2ª Compañía, y 25 heridos. Pagamos cara la victoria, pero esa fue la muestra del empuje final[...] (cita del libro O Sexto Regimento de Infantaria Expedicionário)

Tropas da FEB transitando pela estrada 64
(Fotos do Acervo do Arquivo Histórico do Exército)



O ATAQUE E A CONQUISTA DE MONTESE

Com 2.300 baixas em ação no período de 15 de setembro de 1944 a 13 de abril de 1945, o Depósito de Pessoal da FEB teve que realizar o reacompanhamento da tropa quase na integralidade, ficando com apenas 1,5 % a menos do efetivo total previsto a ser reposto, o que fez com que a 1ª DIE pudesse seguir adiante com um efetivo de 14.839 homens.

Em 14 de abril de 1945, às 10h15min, com os ânimos exaltados, a artilharia, comandada pelo General Cordeiro de Farias, desencadeou um violento bombardeio nas alturas de Montese – cota 888 – Montello, para cobrir o difícil avanço de elementos do 1º Regimento de Infantaria na conquista da localidade de Possessão, que ocorreu por volta das 13 horas desse mesmo dia.

Seção de metralhadoras apoiando o ataque do 11º Regimento de Infantaria, enquanto a Artilharia realizava intenso bombardeio sobre a cidade de Montese (Fotos do Acervo do Arquivo Histórico do Exército)

Em seguida, às 13h30min, o 11º Regimento de Infantaria (11ºRI) rompeu a sua linha de partida com o apoio de violenta preparação de fogos de artilharia e de morteiro, além da realização de uma eficiente cortina de fumaça, que asseguraram a cobertura e o apoio de fogo necessários para, por volta das 15 horas, elementos do 11º RI penetrarem na vila de Montese, desorganizando as resistências nazistas naquela localidade.

A Força Expedicionária Brasileira (FEB) enfrentou a obstinada resistência alemã, bem organizada e incrustada no terreno de Montese. Após terem sido repelidos pela destemida infantaria brasileira, os alemães ainda persistiram durante quatro jornadas com duro e impiedoso martelar de granadas de artilharia às posições brasileiras já conquistadas, até transformar a pequena vila de Montese em um amontoado de escombros e resultar em 426 baixas brasileiras.



EL ATAQUE Y LA CONQUISTA DE MONTESE

Con 2.300 bajas en acción entre el 15 de septiembre de 1944 y el 13 de abril de 1945, el Depósito de Personal de la FEB tuvo que recomponer las tropas casi en su totalidad, dejando sólo un 1,5 % menos del número total que se esperaba reemplazar, lo que significó que la 1ª DIE pudo continuar con 14.839 hombres.

El 14 de abril de 1945, a las 10h15, con los ánimos caldeados, la artillería, comandada por el General Cordeiro de Farias, desencadenó un violento bombardeo sobre las alturas de Montese - cota 888 - Montello, para cubrir el difícil avance de elementos del 1º Regimiento de Infantería en la conquista de la ciudad de Possessione, que tuvo lugar alrededor de las 13h de ese mismo día.

A continuación, a las 13h30, el 11º Regimiento de Infantería (11ºRI) rompió su línea de partida con el apoyo de un violento fuego de artillería y morteros, así como de una eficaz cortina de humo, que proporcionó la cobertura y el apoyo de fuego necesarios para que, alrededor de las 15h00, elementos del 11º RI penetrasen en la localidad de Montese, desorganizando allí la resistencia nazi.

La Fuerza Expedicionaria Brasileña (FEB) se enfrentó a una tenaz resistencia alemana, bien organizada e incrustada en el terreno de Montese. Tras ser rechazados por la intrépida infantería brasileña, los alemanes persistieron durante cuatro días con duros y despiadados martillazos de proyectiles de artillería contra las posiciones brasileñas ya conquistadas, hasta convertir la pequeña ciudad de Montese en escombros y causar 426 bajas brasileñas.

Esquadrão de Reconhecimento faz patrulhamento na Cidade de Montese, libertada pela FEB, após quatro jornadas de combate contra os nazistas (Fotos do Acervo do Arquivo Histórico do Exército)



RENDIÇÃO DE FORNOVO DI TARO

Após a conquista de Montese pela FEB, os alemães, já desorganizados, iniciaram sua retirada para o norte, lançando campos minados e destruindo estradas e pontes para retardar a perseguição da qual a FEB tomava parte.

No dia 23 de abril de 1945, as viaturas tratoras de obuses, da artilharia comandada pelo General Cordeiro de Farias, foram designadas para o transporte das tropas a pé, dando, assim, maior velocidade à Infantaria para obrigar o inimigo a cessar a retirada e se organizar para lutar. Em duas jornadas, os nazistas contorceram-se em suas posições de defesa. Havia sido cercados em Collecchio e buscavam, por meio de encarniçada luta, a abertura de uma brecha que os levasse para Parma, porém foram aprisionados.

Abaixo, o Capitão Plínio Pitaluga, que comandou o 1º Esquadrão de Reconhecimento da FEB e com o 6º Regimento de Infantaria, comandado pelo Coronel Nelson de Melo forçou a rendição da 148ª Divisão de Infantaria Alemã, remanescentes da 90ª Divisão de Panzer e da Divisão de Bersaglieri (Acervo do CCOMSEx)

A FEB ainda tinha muito trabalho pela frente. Na tarde de 27 de abril de 1945, adotou um dispositivo em Fornovo para impedir o retraimento do grosso da Divisão nazista que vinha se deslocando rapidamente em direção ao rio do Pô, a fim de transpô-lo.

“Eram cerca de 11h quando fui ferido. Lembro que, ao acordar, já era noite. Estava todo enfaixado da cintura para baixo. Percebi que haviam amputado parte da perna, um pouco acima do joelho. Para a FEB, a guerra continuou e só terminou em Fornovo, mas fui ferido três dias antes, em Collecchio” (Relato do Soldado Geraldo Antônio Sanfelice, ex-combatente da Força Expedicionária Brasileira (FEB), extraído do livro Vozes da Guerra).

Em destaque, o Soldado Geraldo Antônio Sanfelice juntamente com dois outros pracinhas em reabilitação no Estados Unidos da América (Foto cedida pelo Capitão Sirio Sebastião Fröhlich)



RENDICIÓN DE FORNOVO DI TARO

Después de la conquista de Montese por la FEB, los alemanes, ya desorganizados, iniciaron su retirada hacia el norte, sembrando campos de minas y destruyendo carreteras y puentes para frenar la persecución en la que participaba la FEB.

El 23 de abril de 1945, los obuses de la artillería comandada por el General Cordeiro de Farias fueron destinados al transporte de las tropas a pie, dando así mayor velocidad a la infantería para obligar al enemigo a dejar de retroceder y organizarse para combatir. En dos días, los nazis se revolvieron en sus posiciones de defensa. Habían sido rodeados en Collecchio e intentaban, mediante encarnizados combates, abrir una brecha que les llevara a Parma, pero estaban atrapados.

La FEB aún tenía mucho trabajo por hacer. En la tarde del 27 de abril de 1945, estableció un dispositivo en Fornovo para impedir la retirada del grueso de la División nazi, que se dirigía rápidamente hacia el río Po para cruzarlo.

Los alemanes se empeñaron en levantar el cerco de las plazoletas, lanzando furiosos contraataques a lo largo del día 28 de abril de 1945; pero como ya habían sufrido sucesivas pérdidas y estaban muy debilitados, fueron contrayendo el dispositivo a medida que la FEB aumentaba la presión.

“Eran alrededor de las 11 de la mañana cuando me hirieron. Recuerdo que me desperté y ya era de noche. Estaba vendado de la cintura para abajo. Me di cuenta de que me habían amputado parte de la pierna, justo por encima de la rodilla”. Para la FEB, la guerra continuó y sólo terminó en Fornovo, pero yo había sido herido tres días antes, en Collecchio” (Relato del Soldado Geraldo Antônio Sanfelice, excombatiente de la Fuerza Expedicionaria Brasileña (FEB), extraído del libro Voces de la Guerra).

Expedicionários brasileiros sendo atendidos por médicos e enfermeiras nos hospitais de campanha (Exposição virtual do Arquivo Nacional)



Os alemães empenharam-se no levantamento do cerco dos pracinhas, lançando furiosos contra-ataques ao longo da jornada de 28 de abril de 1945; mas, como já tinham tido sucessivas perdas e estavam bastante combalidos, iam contraindo o dispositivo, ao passo que a FEB aumentava a pressão.

Em 28, às 1300h, o 6º RI iniciou o ataque. A ação conseguiu deter a fuga dos alemães, com muitas baixas de ambos os lados, até que às 2200h, três oficiais alemães, entre eles, o Major W. Kuhn, Chefe do Estado-Maior da 148ª Divisão de Infantaria, chegaram às tropas brasileiras para negociar com o Coronel Nelson de Melo, comandante do 6º RI, para evitar novos combates. Utilizando um intérprete brasileiro, Major Kuhn declarou que a 148ª Divisão de Infantaria era formada por 16.000 homens, 4.000 animais e 2.500 viaturas, sendo 1.000 motorizadas. Havia remanescentes da Divisão Bersaglieri Italiana e também da 90ª Divisão Panzer. Kuhn informou, também, que 800 homens deste grupamento estavam feridos e necessitavam de socorro imediato. (Do livro a FEB pelo seu Comandante).

A FEB protagonizou um inigualável feito de armas, encerrando a sua última fase de operações militares com o cerco e o aprisionamento da 148ª Divisão de Infantaria Alemã, de elementos da Divisão Bersaglieri Itália e de remanescentes da 90ª Divisão Panzer Grenadier. O aspecto geral da tropa capitulante era bom. Quase todos os chefes e os inúmeros oficiais da reserva, jovens e bem-postos, traziam no punho o dístico do Afrika Korps, distintivo dos combatentes de Von Rommel no território africano. Sem dúvida, eram militares de escol.

A vitória da FEB em Fornovo é um momento emblemático na história militar brasileira. A manobra estratégica que resultou na rendição incondicional dos nazifascistas foi o ápice das operações brasileiras nos campos da Itália, um feito que será lembrado com legítimo orgulho pela Força Terrestre brasileira.

Oficiais alemães entregam-se à FEB após a batalha em Fornovo di Taro (Exposição Virtual do Arquivo Nacional)



El día 28, a las 13:00 horas, el 6º RI inició su ataque. La acción consiguió detener la huida de los alemanes, con muchas bajas en ambos bandos, hasta que a las 22h, tres oficiales alemanes, entre ellos el Mayor W. Kuhn, Jefe de Estado Mayor de la 148ª División de Infantería, se acercaron a las tropas brasileñas para negociar con el Coronel Nelson de Melo, comandante de la 6ª RI, para evitar nuevos combates. Utilizando un intérprete brasileño, el Mayor Kuhn declaró que la 148ª División de Infantería estaba compuesta por 16.000 hombres, 4.000 animales y 2.500 vehículos, 1.000 de ellos motorizados. Había hombres de la División Bersaglieri italiana y también de la 90ª División Panzer. Kuhn también informó de que 800 hombres de este grupo estaban heridos y necesitaban ayuda inmediata (del libro FEB by its Commander).

La FEB protagonizó una hazaña armamentística sin parangón, poniendo fin a su última fase de operaciones militares con el cerco y apresamiento de la 148ª División de Infantería alemana, elementos de la División Bersaglieri italiana y restos de la 90ª División Panzer Grenadier. El aspecto general de las tropas capitulantes era bueno. Casi todos los jefes y los numerosos oficiales de reserva, jóvenes y listos, llevaban en la muñeca la insignia del Afrika Korps, el distintivo de los combatientes de Von Rommel en África. Eran, sin duda, militares del más alto calibre.

La victoria de la FEB en Forno es un momento emblemático de la historia militar brasileña. La maniobra estratégica que resultó en la rendición incondicional de los nazis fue la culminación de las operaciones brasileñas en el campo italiano, una hazaña que será recordada con legítimo orgullo por la Fuerza Terrestre Brasileña.

Pracinha observa os prisioneiros nazistas (Exposição Virtual do Arquivo Nacional)



TRATAMENTO COM PRISONEIROS DE GUERRA

Em 239 dias de operações na Itália, a FEB capturou 20.573 militares inimigos, sendo 2 generais, 802 oficiais e 19.679 praças. É importante observar que, ao longo da campanha, o tratamento dado pela Força Expedicionária Brasileira aos prisioneiros de guerra sempre foi exemplarmente humano e respeitoso. Durante os conflitos em que participaram, os soldados brasileiros ofereceram-lhes condições dignas e tratamento adequado, mesmo em circunstâncias adversas.

A postura do soldado brasileiro não apenas reflete os valores éticos e morais do Exército Brasileiro, mas também contribui para fortalecer a reputação internacional do Brasil como um país comprometido com os direitos humanos e o respeito aos tratados internacionais durante o combate.

“Logo que caíam prisioneiros, eram nossos amigos. Muitos de nós prendemos famintos; dávamos um chiclete, um biscoito, um caramelo ou qualquer coisa que tivesse no bolso, e eles passavam a ser nossos amigos. O tratamento entre o brasileiro e o alemão sempre foi muito cordial e digno.” (Relato de 3º Sargento Ary Roberto de Abreu, ex-combatente da Força Expedicionária Brasileira (FEB), extraído do livro Vozes da Guerra).

Durante a refeição, os prisioneiros eram vigados por elementos do Pelotão de Polícia da 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária (Exposição Virtual do Arquivo Nacional)



TRATAMIENTO DE LOS PRISIONEROS DE GUERRA

En 239 días de operaciones en Italia, la FEB capturó a 20.573 soldados enemigos, entre ellos 2 generales, 802 oficiales y 19.679 soldados rasos. Es importante destacar que, a lo largo de la campaña, el tratamiento de los prisioneros de guerra por parte de la Fuerza Expedicionaria Brasileña fue siempre ejemplarmente humano y respetuoso. Durante los conflictos en los que participaron, los soldados brasileños les ofrecieron condiciones dignas y un trato adecuado, incluso en circunstancias adversas.

La actitud del soldado brasileño no sólo refleja los valores éticos y morales del Ejército Brasileño, sino que también contribuye a reforzar la reputación internacional de Brasil como país comprometido con los derechos humanos y el respeto de los tratados internacionales durante el combate.

“En cuanto caían prisioneros, eran nuestros amigos. Muchos de los que arrestamos estaban hambrientos; les dábamos un chicle, una galleta, un caramelo o lo que lleváramos en el bolsillo, y se convertían en nuestros amigos”. El trato entre brasileños y alemanes fue siempre muy cordial y digno”. (Relato del Sargento 3º Ary Roberto de Abreu, ex combatiente de la Fuerza Expedicionaria Brasileña (FEB), extraído del libro Voces de la Guerra).

Tropas da 148ª Divisão de Infantaria Alemã capturadas pela FEB, seguindo em fila para o campo de prisioneiros
(Foto do acervo do CCOMSEX)



AS CICATRIZES DA GUERRA E A READAPTAÇÃO

Os pracinhas enfrentaram terríveis desafios nos campos da Itália, onde muitos homens brasileiros sofreram ferimentos devastadores. Os que conseguiram sobreviver e retornar ao Brasil carregaram consigo não apenas as cicatrizes físicas, mas também as profundas marcas emocionais deixadas pelo conflito.

Após ser ferido, um soldado da Força Expedicionária Brasileira (FEB) enfrentava uma sequência complexa de evacuações para tratamento. Inicialmente, era carregado em uma padiola, aguardando por horas até a chegada do padioleiro. Posteriormente, era transferido para uma ambulância na estrada próxima, junto com outros feridos, rumo ao hospital de emergência, onde passava alguns dias e era submetido a uma operação de emergência.



Heroínas da Força Expedicionária Brasileira



LAS CICATRICES DE LA GUERRA Y LA READAPTACIÓN

Los “pracinhas” se enfrentaron a terribles desafíos en los campos de Italia, donde muchos hombres brasileños sufrieron heridas devastadoras. Los que consiguieron sobrevivir y regresar a Brasil llevaban consigo no sólo las cicatrices físicas, sino también las profundas marcas emocionales dejadas por el conflicto.

Tras ser herido, un soldado de la Fuerza Expedicionaria Brasileña (FEB) se enfrentó a una compleja secuencia de evacuaciones para recibir tratamiento. Inicialmente, era cargado en una camilla y esperaba durante horas la llegada del camillero. Después fue trasladado en ambulancia por la carretera cercana, junto con otros heridos, al hospital de urgencias, donde pasó unos días y fue sometido a una operación de urgencia.



Padioleiros transportando ferido para o Posto de Socorro Imediato em Montese (Acervo do Arquivo Histórico do Exército)

Após esse período, era encaminhado para o hospital de evacuação em Pistóia e, posteriormente, para Nápoles, onde se realizava uma operação preparatória para a colocação de um aparelho ortopédico no Hospital Fixo, se necessário fosse.

Os brasileiros feridos gravemente eram enviados para tratamento nos Estados Unidos, onde passavam por intensivos processos de reabilitação e readaptação. Longe dos campos de batalha na Itália, esses soldados enfrentavam uma nova batalha pela recuperação física e emocional.

Muitos enfrentaram longos anos de recuperação física e psicológica, suportando dores constantes. Para esses veteranos, a guerra não terminou nos campos de batalha; ela continuou a ecoar ao longo de suas vidas, moldando suas experiências e perspectivas de maneiras indelévels. A história desses homens não apenas ilustra a brutalidade da guerra, mas também ressalta a resiliência do soldado brasileiro diante das adversidades mais extremas.

“Depois de analisar o ambiente, tracei minha rota. Iria até um monte de feno, correndo. De lá iria até a casa... Quando eu dei os primeiros passos, buuuuum! [...] Passei a mão no peito e na barriga, e não havia nada; nas costas, e nada! Foi só então que senti um friozinho na perna. Aí percebi que havia pisado em uma mina. No que levantei a perna, não vi meu pé. [...] Não conseguia me mexer. Nisso, apareceu o Teles dizendo que o sargento havia mandado ver o que estava acontecendo comigo. Disse que havia perdido um pedaço da perna, e ele falou que viria até mim. Eu lhe disse para ter cuidado, pois o terreno estava minado. E ele: ‘Mas eu vou aí!’ No que ele levou a perna, buuuuum! Outra mina, outra perna... Ficamos os dois ali, lado a lado. Quando o sargento Perini chegou, ajoelhou a meu lado, pôs a mão em minha cabeça e disse: a guerra acabou para você.”
(Relato do Soldado Rubens Leite de Andrade, ex-combatente da Força Expedicionária Brasileira (FEB), extraído do livro Vozes da Guerra).

Soldado Rubens Leite de Andrade
(Captura de tela do filme A Cobra Fumou, dirigido por Vinícius Reis, 2002)

*“Después de analizar el entorno, tracé mi ruta. Corría hasta un montón de heno. Desde allí iría a la casa... Cuando di los primeros pasos, ¡buuuuum! [...] Me puse la mano en el pecho y el vientre, y no había nada; en la espalda, ¡y nada! Fue entonces cuando sentí una sensación de frío en la pierna. Entonces me di cuenta de que había pisado una mina terrestre. Cuando levanté la pierna, no veía el pie [...] No podía moverme. Entonces apareció Teles, diciendo que el sargento había enviado a ver qué me pasaba. Le dije que había perdido un trozo de pierna y me dijo que vendría a verme. Le dije que tuviera cuidado porque el terreno estaba minado. Y me dijo: ‘¡Pero ya voy!’ Y cogió la pierna, ¡buuuuum! Otra mina, otra pierna... Nos quedamos los dos allí, uno al lado del otro. Cuando llegó el Sargento Perini, se arrodilló a mi lado, me puso la mano en la cabeza y me dijo: la guerra ha terminado para ti”. (Relato del Soldado Rubens Leite de Andrade, excombatiente de la Fuerza Expedicionaria Brasileña (FEB), extraído del libro *Voces de la Guerra*).*

Tras este periodo, fue trasladado al hospital de evacuación de Pistoia y luego a Nápoles, donde se le practicó una operación preparatoria para la colocación de una férula ortopédica en el Hospital Fijo, en caso necesario.

Los heridos brasileños más graves fueron enviados a recibir tratamiento en Estados Unidos, donde se sometieron a intensos procesos de rehabilitación y readaptación. Lejos de los campos de batalla en Italia, estos soldados se enfrentaron a una nueva batalla por la recuperación física y emocional.

Muchos se enfrentaron a largos años de recuperación física y psicológica, soportando un dolor constante. Para estos veteranos, la guerra no terminó en los campos de batalla; siguió resonando a lo largo de sus vidas, moldeando sus experiencias y perspectivas de forma indeleble. La historia de estos hombres no sólo ilustra la brutalidad de la guerra, sino que también pone de relieve la resistencia del soldado brasileño ante la adversidad más extrema.

Três soldados brasileiros, da esquerda para a direita: Soldado Geraldo R. dos Santos, Fernando Hartmann e Laurindo Zambonio. Feridos na Itália conversam no Hospital Central de Bushnell, nos Estados Unidos, com o Primeiro-Tenente Walter J. dos Santos, oficial médico (Exposição Virtual do Arquivo Nacional)



A SOLIDARIEDADE DO SOLDADO BRASILEIRO PARA COM A POPULAÇÃO ITALIANA

À medida que avançavam pelo território italiano, os soldados da Força Expedicionária Brasileira não apenas lutavam bravamente, mas também se solidarizavam profundamente com a população local. Enfrentando os desafios da guerra, eles estabeleciam laços de empatia e compaixão, oferecendo assistência médica, alimentos e abrigo aos civis deslocados e necessitados.

Esse compromisso com o bem-estar dos italianos demonstrava não apenas o profissionalismo militar, mas também o espírito humanitário que permeava as fileiras da FEB, deixando um legado de fraternidade e solidariedade que transcenderia as fronteiras do campo de batalha.

Atualmente, é possível observar o profundo sentimento de gratidão do povo italiano que, naqueles nefastos dias sob o domínio nazista, sofreram as agruras da guerra, lembrando-se com reconhecimento dos gestos de apoio e compaixão dos soldados brasileiros da FEB.

Pequena Clorinda (Foto cedida pelo Capitão Sirio Sebastião Fröhlich)

“Eu tenho uma fotografia de uma menina de uns oito anos, que tinha extenso ferimento na perna [...]. Essa menina chegou ao acampamento ferida, chorando e com fome. Não tinha médico no local. Doe a consciência! Falei com o enfermeiro, e ele aplicou sulfadiazina, um pó que surtia muito efeito. Eu comecei a tratar da menina ocultamente. De noite, eu saía de onde estava e ia tratar dela. Levava a medicação — o enfermeiro explicou como eu deveria desinfetar — e passava a sulfa[...] depois disso tudo, quando estávamos prestes a sair dessa localidade, um dia vieram mãe e filha se despedir; a mãe, chorando, agradecia por tudo; a menina — chama-se Clorinda — me deu uma fotografia dela.” (Relato do 3º Sargento João Gonzalez, ex-combatente da Força Expedicionária Brasileira (FEB), extraído do livro Vozes da Guerra).

*3º Sargento João Gonzalez
(Foto cedida pelo Capitão Sirio Sebastião Fröhlich)*



LA SOLIDARIDAD DEL SOLDADO BRASILEÑO CON LA POBLACIÓN ITALIANA

A medida que avanzaban por territorio italiano, los soldados de la Fuerza Expedicionaria Brasileña no sólo lucharon con valentía, sino que también mostraron una profunda solidaridad con la población local. Frente a los desafíos de la guerra, forjaron lazos de empatía y compasión, ofreciendo asistencia médica, alimentos y refugio a los civiles desplazados y necesitados.

Este compromiso con el bienestar de los italianos demostró no sólo la profesionalidad militar, sino también el espíritu humanitario que impregnaba las filas de la FEB, dejando un legado de fraternidad y solidaridad que trascendería las fronteras del campo de batalla.

Hoy es posible observar el profundo sentimiento de gratitud del pueblo italiano que, en aquellos días oscuros bajo el dominio nazi, sufrió las penurias de la guerra, recordando con gratitud los gestos de apoyo y compasión de los soldados brasileños de la FEB.

Oficial médico brasileiro, num hospital de campanha, medicando uma criança italiana (Exposição Virtual do Arquivo Nacional)

“Tengo una fotografía de una niña pequeña, de unos ocho años, que tenía una gran herida en la pierna [...]. Llegó al campo herida, llorando y hambrienta. No había ningún médico en el lugar. Me dolía la conciencia. Hablé con el enfermero y me aplicó sulfadiazina, un polvo que tenía un gran efecto. Empecé a tratar a la niña en secreto. Por la noche, salía de donde estaba e iba a tratarla. Tomaba la medicación -la enfermera me explicaba cómo debía desinfectar- y aplicaba la sulfamida [...] después de todo esto, cuando estábamos a punto de abandonar la zona, un día vinieron una madre y su hija a despedirse; la madre, llorando, me dio las gracias por todo; la niña -se llama Clorinda- me dio una fotografía suya”. (Relato del Sargento 3º João Gonzalez, excombatiente de la Fuerza Expedicionaria Brasileña (FEB), extraído del libro Voces de la Guerra).

“Grazie Soldato” - Iolanda Maratta (Cap 1)



FÉ PARA LUTAR O BOM COMBATE

Os valentes soldados da Força Expedicionária Brasileira (FEB) enfrentaram desafios que testaram, não apenas suas habilidades militares, mas também sua resiliência espiritual. Enfrentando momentos de grande perigo e incerteza nos campos de batalha da Itália, esses bravos pracinhas encontraram conforto na fé inabalável nas promessas de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Para os soldados da FEB, a fé não era apenas uma convicção pessoal, mas uma fonte de coragem que os ajudava a superar o medo da morte e a incerteza do futuro. Acreditavam que além das dificuldades terrenas, havia a esperança da vida eterna no céu, algo que a Santa Missa reafirmava e fortalecia em seus corações.

Nos momentos mais cruciais e desafiadores, a celebração da Santa Missa tornava-se um ponto de conexão com a divindade e um farol de esperança. Reunidos em oração, os pracinhas encontravam consolo e renovavam suas forças para continuar lutando pelo bem maior. A fé não apenas sustentava suas almas, mas também os ajudava a manter a coragem diante das adversidades.

“A fé influencia positivamente na guerra. Como católico, eu ia à missa e confessava quando possível. Aos domingos eu ia à missa em alguma igrejinha da localidade onde estávamos. Para mim fez muito bem. Penso que, para todo mundo que tem fé, a guerra se torna mais suportável.” (Relato do cabo Benedito Bernardino, ex-combatente da Força Expedicionária Brasileira (FEB), extraído do livro Vozes da Guerra).

FE PARA COMBATIR EL BUEN COMBATE

Los valientes soldados de la Fuerza Expedicionaria Brasileña (FEB) se enfrentaron a desafíos que pusieron a prueba no sólo sus habilidades militares, sino también su resistencia espiritual. Enfrentados a momentos de gran peligro e incertidumbre en los campos de batalla de Italia, estos valientes soldados encontraron consuelo en su fe inquebrantable en las promesas de Nuestro Señor Jesucristo.

Para los soldados de la FEB, la fe no era sólo una convicción personal, sino una fuente de coraje que les ayudaba a superar el miedo a la muerte y la incertidumbre del futuro. Creían que, más allá de las dificultades terrenales, estaba la esperanza de la vida eterna en el cielo, algo que la Santa Misa reafirmaba y fortalecía en sus corazones.

En los momentos más cruciales y difíciles, la celebración de la Santa Misa se convertía en un punto de conexión con la divinidad y en un faro de esperanza. Reunidos en oración, los marines encontraron consuelo y renovaron sus fuerzas para seguir luchando por el bien común. La fe no sólo sostenía sus almas, sino que también les ayudaba a mantener el valor ante la adversidad.



“La fe influye positivamente en la guerra. Como católico, iba a misa y me confesaba siempre que podía. Los domingos iba a misa en una pequeña iglesia del barrio donde estábamos. Me hizo muy bien. Creo que para todos los que tienen fe, la guerra se hace más llevadera”. (Relato del Cabo Benedito Bernardino, excombatiente de la Fuerza Expedicionaria Brasileña (FEB), extraído del libro Voces de la Guerra).

Missa campal organizada por elementos do 6º Regimento de Infantaria em Francolise e celebrada por frei Gil Maria
(Fotos do Acervo do Arquivo Histórico do Exército)

Assim, a Santa Missa não era apenas um ritual religioso, mas uma poderosa fonte de inspiração e força moral que os impulsionava a seguir em frente, mesmo nos momentos mais sombrios da guerra. A fé inabalável na proteção divina e na promessa de uma vida além da morte os capacitou a enfrentar os desafios com determinação e esperança, deixando um legado de coragem e bravura.

“Eu ajudava na missa; eu sabia o que estava acontecendo. Havia um envolvimento muito grande nas celebrações. Tudo dava muito conforto aos nossos soldados; muita esperança de vencer a situação difícil que nós estávamos passando, “nada aproxima mais de Deus do que a sua vida estar por um fio. Quando estamos feridos, nos lembramos logo de Deus e da mãe. Isso é certo! Nos apegamos a Deus e ficamos implorando a melhora, a cura. Comigo aconteceu isso.” (Relato do 2º Sargento Orlando Rodrigues de Camargo, ex-combatente da Força Expedicionária Brasileira (FEB), extraído do livro *Vozes da Guerra*).

“Na guerra, nos sentimos abandonados, sozinhos no mundo, e é especialmente nessa hora que não esquecemos que Deus existe. A fé é o suporte para encarar o medo e as incertezas da guerra. No acampamento, havia um altar onde diariamente eram celebradas missas. Os capelães eram muito importantes para nos ajudar a encarar a dura realidade da guerra.” (Relato do Soldado Pacífico Pozzobon, ex-combatente da Força Expedicionária Brasileira (FEB), extraído do livro *Vozes da Guerra*).



Assí pues, la Santa Misa no era sólo un ritual religioso, sino una poderosa fuente de inspiración y fuerza moral que les espoléaba, incluso en los momentos más oscuros de la guerra. Su fe inquebrantable en la protección divina y en la promesa de una vida más allá de la muerte les permitió afrontar sus retos con determinación y esperanza, dejando un legado de coraje y valentía.

“Ayudaba en misa; sabía lo que pasaba. Había mucha participación en las celebraciones. Todo daba a nuestros soldados mucho consuelo; mucha esperanza de superar la difícil situación que atravesábamos, “nada te acerca más a Dios que tu vida pendiendo de un hilo. Cuando estás herido, piensas inmediatamente en Dios y en la madre. De eso no hay duda. Nos aferramos a Dios y le suplicamos que nos mejore, que nos cure. Eso es lo que me pasó a mí”. (Relato del Sargento 2º Orlando Rodrigues de Camargo, excombatiente de la Fuerza Expedicionaria Brasileña (FEB), extraído del libro Voces de la Guerra).

“En la guerra, nos sentimos abandonados, solos en el mundo, y es especialmente en estos momentos cuando no olvidamos que Dios existe. La fe es el apoyo para afrontar el miedo y la incertidumbre de la guerra. En el campamento había un altar donde se celebraba misa a diario. Los capellanes fueron muy importantes para ayudarnos a afrontar la dura realidad de la guerra”. (Relato del Soldado Pacífico Pozzobon, excombatiente de la Fuerza Expedicionaria Brasileña (FEB), extraído del libro Voces de la Guerra).

Capela Marginetta, construída em homenagem a Nossa Senhora de Lourdes. Localizada no bosque da Reserva Natural Montefalcone, na Via delle Pinete, em Staffoli (Fotos do Acervo do Arquivo Histórico do Exército)



O RETORNO AO BRASIL E A DESMOBILIZAÇÃO

A capitulação final do inimigo se processou em 2 de maio de 1945. A FEB, galhardamente cumpriu a missão que lhe foi confiada, em que pese todas as adversidades, desde a preparação no Campo de Instrução em Gericinó até a conquista em Fornovo di Taro.

Em 3 de maio de 1945, a FEB recebeu a tarefa de concentrar a maioria dos meios na região de Alessandria e manter a ocupação da área de Placência. Em 11 de maio, às 10h foi celebrada na Igreja Madona Della Salve, Catedral de Alessandria, uma missa solene para os integrantes da FEB tombados nos campos da Itália.

A missão de ocupação foi encerrada em 20 de junho, sem que tenha ocorrido qualquer incidente com a população civil ou grupos partigiani existentes na área. A partir de então, seria iniciada a concentração da FEB na área de Francolise, onde deveria aguardar o embarque de regresso ao Brasil.

O retorno ao Brasil ocorreu por escalões, por meios aéreos e navais. O escalão nº 1 partiu de Nápoles dia 6 de julho de 1945, chegando no Brasil no dia 18 de julho de 1945 e o 5º e último escalão chegou ao Brasil em 3 de novembro de 1945.

Chegada do 1º Escalão da Força Expedicionária Brasileira no quartel de Realengo no Rio de Janeiro (Fotos do Acervo do Arquivo Histórico do Exército)

Em 6 de julho de 1945, também foi dado o início à desmobilização da FEB. O Ministro da Guerra, General Eurico Gaspar Dutra, determinou a subordinação das unidades que lutaram na Itália ao comandante da 1ª Região Militar, assim que desembarcassem no Rio de Janeiro. Essas providências concorreram para a desincorporação dos convocados e a adaptação de algumas unidades a novas finalidades, ou melhor, a determinação ministerial significou a formal dissolução da FEB.

Extinta a Força Expedicionária Brasileira, seus feitos heroicos e sua dedicação à causa aliada permaneceriam como um legado perene na história militar do Brasil. Os pracinhas, através de suas bravuras e sacrifícios, deixaram um impacto duradouro não apenas no campo de batalha na Itália, mas também na consciência nacional. Seu exemplo de coragem e patriotismo inspiraria gerações futuras a honrar o compromisso com o País e a defender os valores pelos quais lutaram, mantendo viva a memória e o orgulho da FEB ao longo dos anos.

Desfile em comemoração à chegada do 1º Escalão da Força Expedicionária Brasileira no Rio de Janeiro (Fotos do Acervo do Arquivo Histórico do Exército)



EL REGRESO A BRASIL Y LA DESMOVILIZACIÓN

La capitulación final del enemigo tuvo lugar el 2 de mayo de 1945. La FEB cumplió con gallardía la misión encomendada, a pesar de todas las adversidades, desde la preparación en el Campo de Instrucción de Gericinó hasta la conquista en Forno di Taro.

El 3 de mayo de 1945, la FEB recibió el encargo de concentrar la mayor parte de sus recursos en la región de Alessandria y mantener la ocupación de la zona de Placencia. El 11 de mayo, a las 10 de la mañana, se celebró una misa solemne en la iglesia de la Madonna Della Salve, catedral de Alessandria, por los miembros de la FEB caídos en los campos de Italia.

La misión de ocupación finalizó el 20 de junio, sin incidentes con la población civil ni con los grupos partisanos de la zona de ocupación. A partir de entonces, la FEB se concentraría en la zona de Francolise, donde aguardaría el embarque de regreso a Brasil.

El regreso a Brasil se efectuó por escalones por medios aéreos y navales. El 1º escalón salió de Nápoles el 6 de julio de 1945, llegando a Brasil el 18 de julio de 1945 y el 5º y último escalón llegó a Brasil el 3 de noviembre de 1945.

El 6 de julio de 1945, comenzó también la desmovilización de la FEB. El ministro de la Guerra, General Eurico Gaspar Dutra, ordenó que las unidades que habían combatido en Italia se presentasen al comandante de la 1ª Región Militar tan pronto como aterrizasen en Río de Janeiro. Estas medidas contribuyeron a la desincorporación de los convocados y a la adaptación de algunas unidades a nuevos fines, o mejor dicho, la determinación ministerial significó la disolución formal de la FEB.

Cuando la Fuerza Expedicionaria Brasileña se abolió, sus actos heroicos y su dedicación a la causa aliada permanecerían como un legado duradero en la historia militar de Brasil. A través de su valentía y sacrificio, los “pracinhas” dejaron un impacto duradero no sólo en el campo de batalla en Italia, sino también en la conciencia nacional. Su ejemplo de valor y patriotismo inspiraría a las generaciones futuras a honrar su compromiso con su país y a defender los valores por los que lucharon, manteniendo vivo el recuerdo y el orgullo de la FEB a lo largo de los años.

Chegada do 2º Escalão da Força Expedicionária Brasileira no Rio de Janeiro (Fotos do Acervo do Arquivo Histórico do Exército)

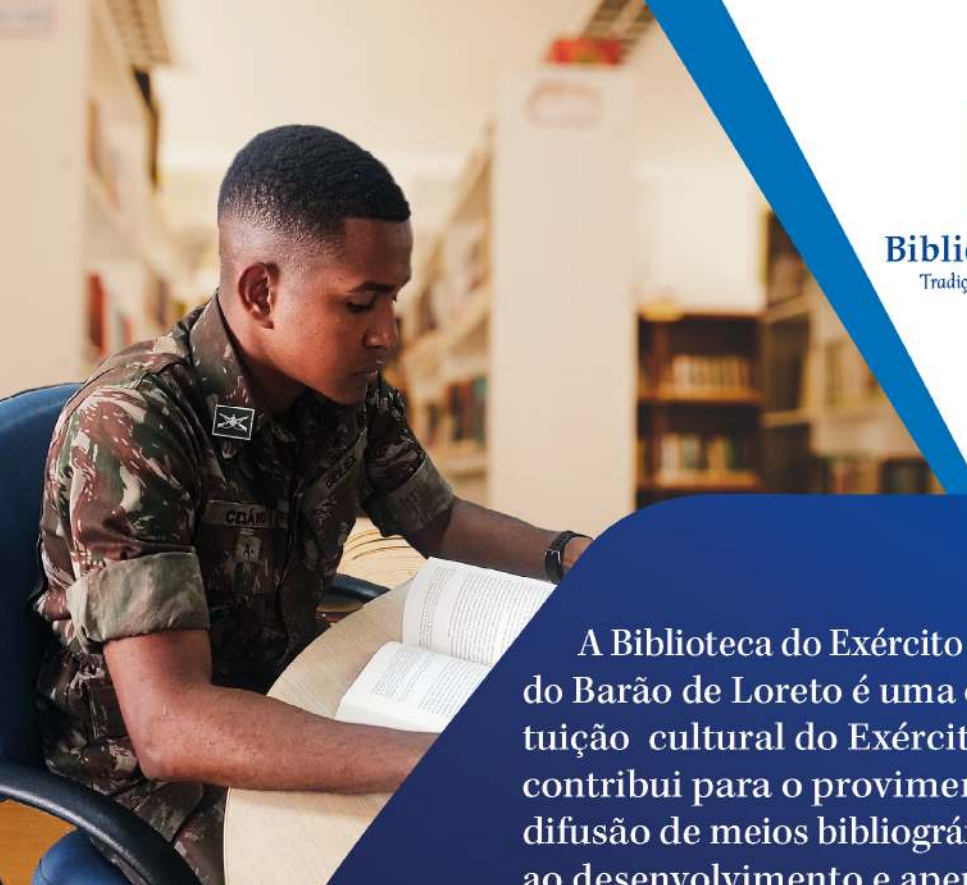
FEB: 8 de maio | Dia da Vitória





Biblioteca do Exército

Tradição e qualidade em publicações



A Biblioteca do Exército (BIBLIEx) – Casa do Barão de Loreto é uma centenária instituição cultural do Exército Brasileiro que contribui para o provimento, a edição e a difusão de meios bibliográficos necessários ao desenvolvimento e aperfeiçoamento da cultura profissional-militar e geral.

SEJA NOSSO ASSINANTE

e receba em sua residência nossos livros publicados.



Praça Duque de Caxias, 25
Palácio Duque de Caxias - Ala Marcílio Dias – 3º andar
Centro – CEP 20221-260 – Rio de Janeiro – RJ



Tel.: (21) 2519-5707

Acesse >>> www.bibliex.eb.mil.br



LINHA DE RÁDIOS E SISTEMAS ELETRÔNICOS IMBEL
Para qualquer situação e ambiente operacional

CONFIABILIDADE
RESISTÊNCIA
PRECISÃO



HERÓIS SEMPRE LEMBRADOS



8



ANOS

FEB
FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA
FEB



EXÉRCITO BRASILEIRO
Sempre pronto - Preparado para o futuro